



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

VITÓRIA MARIA PEREIRA SILVA

**DA CHITA AO CETIM: O PROCESSO DE ESTILIZAÇÃO DA QUADRILHA
JUNINA MARIA CHIQUINHA NA CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB
(2004-2017)**

CAJAZEIRAS-PB
2024

VITÓRIA MARIA PEREIRA SILVA

**DA CHITA AO CETIM: O PROCESSO DE ESTILIZAÇÃO DA QUADRILHA
JUNINA MARIA CHIQUINHA NA CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB
(2004-2017)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janaina Valéria Pinto Camilo

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

S586c	<p>Silva, Vitória Maria Pereira.</p> <p>Da chita ao cetim: o processo de estilização da Quadrilha Junina Maria Chiquinha na cidade de Cachoeira dos Índios – PB (2004-2017) / Vitória Maria Pereira Silva. – Cajazeiras, 2024.</p> <p>87f. : il. Color.</p> <p>Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Janaina Valéria Pinto Camilo.</p> <p>Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2024.</p> <p>1. Festas juninas. 2. Cachoeira dos Índios - Município -Paraíba. 3. Quadrilha Junina. 4. Maria Chiquinha. 5. Cultura popular - Nordeste - Paraíba. 6. Patrimônio cultural - Cachoeira dos Índios – Município - Paraíba. 7. Tradição junina. I. Camilo, Janaina Valéria Pinto. II. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU – 398.33(813.3)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

VITÓRIA MARIA PEREIRA SILVA

**DA CHITA AO CETIM: O PROCESSO DE ESTILIZAÇÃO DA QUADRILHA
JUNINA MARIA CHIQUINHA NA CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB
(2004-2017)**

Aprovado em:

Documento assinado digitalmente
 **JANAINA VALERIA PINTO CAMILO**
Data: 19/07/2024 19:15:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Dra. Janaina Valéria Pinto Camilo (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **LUCRECIO ARAUJO DE SA JUNIOR**
Data: 19/07/2024 19:20:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (Examinador interno)

Ana Valéria Endres

Professora Dra. Ana Valéria Endres (Examinador externo)

Professora Ms. Raquel Leão de Bastos (Professora suplente)

AGRADECIMENTOS

No decorrer da caminhada, encontramos obstáculos e dificuldades que nos fazem as vezes, querer desistir e para de lutar pelas metas e sonhos que almejamos para nossas vidas. Contudo, são nesses momentos que enxergamos quem nos fortalece, ajuda e se doa para deixar mais leve o fardo, como também, quem agrega e veio para somar não só nos momentos bons, mas nos árduos. E, é isso que torna a vontade de agradecer, na necessidade de agradecimento, de gratidão e reconhecimento. Então, agradeço aqui de todo meu coração a quem ajudou na minha formação.

A Deus, por ter me dado forças e nunca ter me deixado se sentir sozinha, principalmente nos momentos de ansiedade e aflição.

Aos meus pais e irmãos, que sempre torceram e incentivaram.

As minhas tias e tios, em especial Jaqueline e Laice que algumas vezes se deslocaram comigo até a Universidade, me dando carona para resolver algumas coisas.

Ao meu padrinho Jean e minha madrinha Valéria, que além de muitas orações direcionadas a mim, sempre estenderam a mão, em caso de necessidade financeira.

Ao meu avô Maximino, que partiu ao céu antes de me ver formada, mas em vida, torcia por mim para que eu me formasse logo.

A minha vó Maria Aguiar, que uma vez chegou a me falar “Estou tão feliz, você é a única que puxou a mim e quis ser professora”, além de me esperar passar para a faculdade todos os dias na calçada, pois se eu não passar já fica preocupada e buscando se aconteceu algo.

Aos meus amigos, em especial José Joaquim, que me levou para fazer a matrícula e me apresentou a Universidade.

Aos meus colegas da turma 2018.2, especialmente Geraldo Mesquita, Katiana Vale, Laryssa Deyziane, Mayara Leite, Rafaela Vieira, Sabrina Severo, Saniel Simplício, Taywany Gomes e Walber Vieira.

A Keylla Alves, que sofreu comigo durante toda pesquisa e com paciência e compreensão amenizou a dureza dos dias ruins.

Aos entrevistados por terem contribuído.

Ao corpo docente do curso de História do CFP e a Instituição pela oportunidade, todo conhecimento e ensinamento.

A minha professora e orientadora Janaína Camilo, por indicar o melhor caminho por toda paciência e pelas valiosas contribuições. Es uma inspiração para mim.

RESUMO

A presente pesquisa, busca investigar como e por que se deu o processo de estilização cultural na quadrilha junina Maria Chiquinha, em Cachoeira dos Índios (Paraíba), objetivando compreendê-la enquanto arte pulsante que se modifica em passos, roupas e músicas entre os anos 2004 até 2017. E, tomando a quadrilha como uma manifestação da cultura popular, este presente trabalho, metodologicamente e teoricamente, filia-se ao estudo da História Oral, História local e patrimônio cultural. As fontes são fotos e pesquisa bibliográfica, para estabelecer compreensões maiores dentro deste âmbito e trabalhar o reconhecimento patrimonial. Para a realização efetiva com a oralidade, utilizamos entrevistas com alguns dos artistas responsáveis da Maria Chiquinha, para investigar como os aspectos estilizados adentraram na quadrilha, como se constitui e se fixou. Assim, pode-se analisar o caminho cultural dessa tradição e patrimônio, com um olhar analítico de maneira exploratória. Nesse sentido, se utiliza a conceituação dada por Eric Hobsbawm acerca de “tradição”, para nortear o entendimento das mudanças advindas com a estilização.

Palavras-chaves: Cachoeira dos Índios-PB; Quadrilha Junina; Maria Chiquinha; Patrimônio; Tradição.

ABSTRACT

This research seeks to investigate how and why the process of cultural stylization of the June dance group (*Quadrilha*) Maria Chiquinha, in Cachoeira dos Índios (Paraíba), aiming to understand it as a pulsating art that changes in steps, clothes and music between the years 2004 until 2017. And, taking the square dance as a manifestation of popular culture, this present work, methodologically and theoretically, is affiliated with the study of Oral History, Local History and cultural heritage. The sources are photos and bibliographical research, to establish greater understanding within this scope and work on heritage recognition. To effectively perform it with orality, we used interviews with some of the artists responsible for Maria Chiquinha, to investigate how the stylized aspects entered the group, how it was constituted and established. Thus, the cultural path of this tradition and heritage can be analyzed, with an analytical perspective in an exploratory manner. In this sense, the concept given by Eric Hobsbawm about “tradition” is used to guide the understanding of the changes arising from stylization.

Keywords: Cachoeira dos Índios-PB; June Dance Group; Maria Chiquinha; heritage; Tradition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Mapa da região, onde se localiza cachoeira dos índios.	13
FIGURA 2- Imagens da igreja matriz nossa senhora da conceição	15
FIGURA 3- Praça central pe. Cícero e cemitério coração de jesus.	17
FIGURA 4- Foto pintura do primeiro grupo escolar.	18
FIGURA 5- Captura de tela do mapa cultural da cidade.....	20
FIGURA 6- Praça frei damião	21
FIGURA 7- Praça nossa senhora da conceição	22
FIGURA 8- Imagens da praça padre cícero.....	23
FIGURA 9- Grupo teatral no tempo do ronca	24
FIGURA 10- Banda cabaçal de monteiros	24
FIGURA 11- Serrote do quati.....	26
FIGURA 12- Quadrilha linda rosa	32
FIGURA 13- Quadrilha arraiá do aguiar	32
FIGURA 14- Quadrilha fogo na boneca.....	33
FIGURA 15- Quadrilha moleka inxirida	33
FIGURA 16- Troféus da quadrilha maria chiquinha	38
FIGURA 17- Primeira formação da quadrilha maria chiquinha.....	43
FIGURA 18- Quadrilha maria chiquinha em 2004	45
FIGURA 19- Dançarinos da maria chiquinha em 2006	48
FIGURA 20- Quadrilha maria chiquinha em 2007	49
FIGURA 21- Quadrilha junina maria chiquinha em 2008	50
FIGURA 22- Quadrilha maria chiquinha 2011	53
FIGURA 23- Rainha, noiva e maria bonita da maria chiquinha.	53
FIGURA 24- Quadrilha maria chiquinha 2013	54
FIGURA 25- Quadrilha maria chiquinha 2014	55
FIGURA 26- Quadrilha maria chiquinha 2015	56
FIGURA 27- Quadrilha maria chiquinha 2016	56
FIGURA 28- Quadrilha maria chiquinha 2017	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1. PELOS CAMINHOS DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS: O CENÁRIO DA NARRATIVA	13
1.1 Território e ambiente: algumas características	16
1.2 A cidade, seus bens e cultura.....	20
CAPÍTULO 2. QUADRILHAS E FESTAS JUNINAS: A ÉPOCA MAIS AGUARDADA DOS NORDESTINOS	27
2.1 As quadrilhas juninas de cachoeira dos índios-pb	31
2.2 Os locais de incentivo e de apresentações.....	35
CAPÍTULO 3. MARIA CHIQUINHA NO ARRAIÁ: O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR	40
3.1 Os primórdios de dançar quadrilha numa cidade sertaneja do interior	40
3.2 Dança e espaços: aspectos da caminhada artística.....	43
3.3 A perpetuação de um grupo.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
Fontes primárias.....	61
Fontes secundárias	62
ANEXOS	64
ENTREVISTAS TRANSCRITAS	64

INTRODUÇÃO

A ideia da temática escolhida para esta pesquisa, surgiu por eu gostar de assistir as apresentações de quadrilhas desde a infância, quando em torno de 2004 ou 2005, minha família que dançava quadrilha e tinha um evento junino que levava seu sobrenome (Arraiá do Aguiar), passaram a estimular apresentações minhas. As pessoas achavam lindo, eu, uma criança de 5 anos tinha tanta ousadia em fazer aquilo, dançando em público para diversas pessoas. Porém, não me firmei como quadrilheira, foi um momento que durou até 2009, pois sempre preferi assistir.

Outro ponto de influência sobre esse assunto, foi em 2015, quando eu retornei para as atividades dançantes, dessa vez no grupo de danças folclóricas SemeArt da zona rural do sítio Pitombeira em Cachoeira dos Índios, local onde moro. O grupo é ligado à Igreja Católica, porém tem apresentações de várias danças, como xaxado, baião, xote e quadrilha. Sim, mais uma vez me encontro com a quadrilha, porém, em um grupo que o número de pessoas é reduzido, diferente da junina e isso fez com que, meu apreço pelas quadrilhas aumentassem.

Essa escolha temática se afunilou na disciplina de Projeto de Pesquisa II, quando pesquisando sobre o assunto, enxerguei mudanças nessa cultura no decorrer dos últimos anos, as chamadas estilizações. Isso se deu, pelo exercício de assistir as quadrilhas, observando como se tornou glamuroso e disputado esse cenário, visto que, na época em que eu me apresentava no Arraia do Aguiar, até as roupas de chita eram feitas em casa e no grupo SemeArt, não se tinha a disputa. Então, esclarecida sobre o que eu queria pesquisar, selecionei a quadrilha Maria Chiquinha da minha cidade Cachoeira dos Índios, no interior da Paraíba como objeto, uma vez que, eu enxergava-a como a mais duradoura nesse cenário e que eu sempre parava para contemplar. Logo, me indagava inicialmente, saber como a quadrilha Maria Chiquinha inseriu e dinamizou a estilização cultural em sua junina.

Ao falar de quadrilha, estamos retratando também sobre patrimônio imaterial e tradição, uma dança tomada pelo Nordeste como propriedade do seu povo. Para Hobsbawm (2012), a tradição não é definida, é um sentido amplo, que envolve tanto coisas longínquas, como de poucos anos, a questão é que elas se estabelecem na sociedade com certa rapidez. A tradição engloba diversos sentidos, em práticas e elementos, o que explica bem a quadrilha.

Acredito, que a quadrilha está presente no cotidiano junino de todo nordestino desde a infância, de maneira que, torna-se um momento de lazer na época dos festejos. Pois, “[a]

quadrilha é uma dança cultural corporal de movimento, composta por um conjunto de conhecimentos e diversas interações. Trata-se de uma manifestação cultural influenciada por diversas raízes históricas, mas pelo povo brasileiro” (Soares, Endres e Camilo, 2023, p.243) e isso, denota o apreço criado dos nordestinos pela dança, assim como eu.

Nesse sentido, desenvolvi o projeto de pesquisa em torno disso, intitulado “Da Chita ao Cetim: O Processo de Estilização Cultural da Quadrilha Junina Maria Chiquinha em Cachoeira dos Índios-PB (2004-2017)”, o qual tem como objetivo geral investigar quando e por que houve a estilização da quadrilha junina Maria Chiquinha, observando as questões representativas sobre esse patrimônio cultural.

O título “Da Chita ao Cetim” faz referência aos tecidos usados nas roupas da quadrilha junina. Observei as trocas de tecido e tipos de vestimentas, percebendo que a roupagem foi um dos aspectos em que mais obteve transformações. O recorte temporal de 2004 até 2017, foi escolhido posteriormente, ao ter contato com os integrantes da quadrilha e os materiais de pesquisa, pois em 2004, a quadrilha passou a disputar campeonatos e em 2017, disputou o maior campeonato do sertão na cidade de Cachoeira dos Índios, sendo considerado por muitos dos integrantes o ápice da quadrilha. Ou seja, levando em consideração esses fatores, buscou-se enxergar a dinamização da estilização nesse período.

Os objetivos específicos são: Analisar o processo de surgimento das quadrilhas juninas no Brasil e em Cachoeira dos Índios-PB, discutir o trajeto da estilização e todos os seus aspectos de mudanças a partir da Maria Chiquinha e compreender o processo histórico de mudanças nessa cultura no caminhar de um possível reconhecimento patrimonial. Os principais conceitos que colaboram para o aprofundamento dessa pesquisa são: Quadrilha, patrimônio, festa junina, cultura e tradição.

Essa pesquisa, se insere na História Oral, que “é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (Freitas, 2002, p. 18). Além disso, busca dar visibilidade às culturas locais e regionais, instigando a valorização do seu patrimônio. Isso é importante, para influenciar novos estudos sobre o assunto, sobre educação patrimonial e como preservar dos bens culturais.

A metodologia usada é exploratória, unindo as informações que melhor serviram para o estudo. Usou-se fotos, sites, outras pesquisas, artigos e entrevistas. As fotos da quadrilha foram pegadas com os entrevistados, pessoas ligadas à quadrilha Maria Chiquinha no decorrer do recorte temporal (2004-2017). As outras pesquisas sobre a cidade são do banco de dissertações da Universidade Federal de Campina Grande e da Universidade Regional do Cariri. As entrevistas foram feitas com três voluntários, dançantes da Maria Chiquinha, que registraram em suas

memórias, lembranças da dança. O primeiro entrevistado, Hélder Sousa, foi até o ano de 2014 o coordenador da quadrilha e dançarino, já o segundo, Tony Albuquerque, está desde a formação lá em 2001, já foi dançante e hoje é o marcador, aquele que puxa a quadrilha e a última entrevistada, Girlene Alves, é a dançarina que sempre está presente nas encenações, sendo os três escolhidos por suas afinidades com a dança.

A oralidade, apesar de trabalhosa, se torna uma metodologia primordial para pesquisas relacionadas a cidades pequenas, como é o caso. Aliás, se torna essencial, quando mexe no íntimo de uma História, como é falar sobre um dançarino e sua dança. Acontece que, “[o] documento gravado, como qualquer tipo de documento, está sujeito a diversas leituras. O procedimento do historiador/pesquisador diante de tal documento deverá ser o mesmo, no que concerne à sua análise e problematização” (Freitas, 2002, p. 46). Ou seja, será sempre importante o olhar crítico.

Então, seguindo a metodologia exploratória como ferramenta, as imagens nos possibilitam apresentar a cidade de Cachoeira dos Índios e seus patrimônios, além de uma ideia visual da quadrilha Maria Chiquinha em seu processo de estilização. Os sites nos trazem informações cruciais sobre a História da cidade. Os artigos e pesquisas embasam teoricamente a temática, enquanto os entrevistados fornecem informações sobre a junina que não se encontra em nenhum outro lugar, pois é parte de uma experiência única de cada um. Cabe ressaltar, que as fontes orais, nos coloca em exercício de olhar atento, para entender as falas dos entrevistados sem tomar como verdade absoluta, ter criticidade e selecionar o que melhor serve à problematização.

Nessa perspectiva, o trabalho se compõe da seguinte maneira: O primeiro capítulo, intitulado **Pelos caminhos de cachoeira dos índios: o cenário da narrativa**, trará a apresentação da cidade em que se passa a temática para o leitor, mostrando um panorama geral da História de Cachoeira dos Índios, sua localidade e mapeação. O principal autor utilizado foi Djalma Dantas (2024), que em sua pesquisa de mestrado se debruça sobre o ensino de História e o letramento patrimonial da cidade, sendo ferramenta crucial para a pesquisa. Aborda-se também, o território e ambiente, resgatando as primeiras construções, personagens importantes, os bens e a cultura da cidade, possibilitando o leitor ter uma ideia visual com as fotos.

No segundo capítulo, com o título **Quadrilhas e festas juninas: a época mais aguardada dos nordestinos**, falamos sobre a temática de modo geral, as quadrilhas e festas juninas. Abordamos a chegada da quadrilha ao Brasil e em Cachoeira dos Índios, como também o que significa da expressão quadrilha, usando o dicionário do folclore brasileiro de Câmara Cascudo (1954). Também discorreremos sobre a importância desse patrimônio, resgatando o

conceito de patrimônio cultural de acordo com Carlos Lemos (1981). Ademais, o capítulo *Quadrilhas e Festas Juninas: a época mais aguardada dos nordestinos*, mostra algumas das juninas da cidade através de fotos, e como esses grupos se estruturam, de acordo com a pesquisa de Henrique Rocha (1995), além de apresentar os locais de incentivo e exibição das quadrilhas, onde dançam e onde começam a sentir vontade de dançar.

Para finalizar, o terceiro capítulo traz o objeto de estudo da pesquisa, a Maria Chiquinha. O título é **Maria Chiquinha no Arraiá: o espetáculo vai começar**, no qual, proponho analisar as fontes, as entrevistas com três dançantes da quadrilha. Como também, analisar os primórdios de dançar quadrilha na cidade de Cachoeira dos Índios, a partir dos dois anos iniciais da quadrilha até o primeiro ano do recorte temporal 2004. Os entrevistados contam sobre a formação e o que acontecia no decorrer dos anos, enquanto mescla-se a abordagem com fotos nas apresentações, sendo a ideia, entender como ocorria as mudanças visualmente e o que as fontes orais entregam sobre a problemática de estilização. Além disso, usamos as ideias de Luciana Chianca (2018) sobre as dificuldades de ter e manter uma quadrilha, e Eric Hobsbawm (2012), explanando o conceito de tradição e as modificações sobre ela.

CAPÍTULO 1

1. PELOS CAMINHOS DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS: O CENÁRIO DA NARRATIVA

A cidade de Cachoeira dos Índios no interior da Paraíba, é uma cidade sertaneja que se localiza no extremo Oeste do Estado, distante 493 km da capital João Pessoa e faz divisa com o vizinho estado do Ceará. A sua localização, permite o fácil contato com as cidades circunvizinhas como Cajazeiras-PB, Bom Jesus-PB, São José de Piranhas-PB, Ipaumirim-CE, Aurora-CE e diversas outras.

Figura 1- Mapa da região, onde se localiza Cachoeira dos Índios.



FONTE: Google Maps, 2023.

Assim sendo, a história e formação do município não possui tantas fontes de pesquisa, por ser uma cidade consideravelmente pequena. Todavia, os estudos do professor Djalma Dantas em sua pesquisa de mestrado intitulada “Akangatu, o Levante da Memória: Ensino de História e Letramento Patrimonial em Cachoeira dos Índios-PB”, entregaram a confirmação do que antes era dúvida: a presença de aldeamento indígena na cidade. A partir disso, se faz necessário reorganizar a história da cidade para enfim compreender suas origens.

Segundo o Inventário Juvenil do Patrimônio Cachoeirense, produto da pesquisa do professor Djalma Dantas, com a descobertas do Sítio arqueológico Boa Fé pelo arqueólogo Juvandi dos Santos, confirmou-se a presença de aldeamento indígena, indicando que os primeiros habitantes da região, ocuparam o lugar há mais de 700 anos, sendo vítimas das truculências dos portugueses. Evidentemente, que é um período distante de sua emancipação política, mas que se faz necessário explicar para compreender o topônimo da cidade e “[...] uma revisão historiográfica sobre o povoamento indígena na Paraíba e seus diversos fluxos migratórios.” (Dantas, 2024, p.227).

Adiante nisso, o site da prefeitura ¹municipal de Cachoeira dos Índios aponta que a origem da cidade estaria em 1905, quando terras foram compradas por um casal chamado de Manoel Cândido e Maria Madalena Cândido, vindos de Antenor Navarro (São João do Rio do Peixe-PB) dando início ao povoamento local. O site não aponta atualizações sobre a questão indígena, por ser uma pesquisa recente.

Segundo Ferreira e Santana (2006), as terras chamadas de Mata Virgem e que foram compradas pelo casal tinham aproximadamente 1200 tarefas, próximas ao denominado Serrote do Quati, que é um dos patrimônios da cidade. Os terrenos, foram logo sendo explorados e “[...] começaram a chegar mais algumas famílias, dando origem a um povoado, que por motivo de suas matas e caatingas então denominaram de Catingueira.” (Ferreira e Santana, 2006, p.11). Porém, essa narrativa é criticada na pesquisa do professor Djalma Dantas (2024), de acordo com ele, os últimos trabalhos apenas seguiram essa ideia como uma verdade inquestionável, e que a partir do seu projeto Akangatu, deverá ser repensada.

De fato, o professor está correto, e ainda indica:

Uma nova História para a origem do município se faz revelar, uma vez que as comprovações documentais e os achados arqueológicos se colocam como novas fontes capazes de escrever, com referências sólidas, a presença dos colonizadores e dos indígenas que viveram anteriormente à família Cândido de Oliveira, em oposição ao que foi reverberado por anos. Embora ainda exista um lapso temporal a ser estudado, este trabalho se apresenta como subsídio importante para estudos futuros. (Dantas, 2024, p.29).

Cabe aqui, alertá-los como o professor Djalma fez em sua pesquisa, que os trabalhos do Projeto Akangatu, embora recentes e que necessitam de mais estudos, precisam ser utilizados para aflorar o assunto. Assim, tento unir aqui a narrativa da família cândido como responsável

¹ Site da Prefeitura Municipal de Cachoeira dos Índios-PB: <https://www.cachoeiradosindios.pb.gov.br/omunicipio.php>

pela fundação do povoado que se tornaria a cidade, como também, a importância das contribuições históricas da dissertação de mestrado do professor Djalma Dantas. Acredito que, apesar de ser um exercício difícil, é compreensível por não ter como fugir dele, tanto que, as futuras pesquisas de Cachoeira após essa, também deva fazer esse movimento de junção das narrativas, ou ao menos citá-las quando necessário escrever sobre a cidade.

Neste sentido, no ano de 1912, um terreno foi doado à diocese de Cajazeiras-PB por Maria Madalena Candido para construção da igreja do povoado, que hoje é a atual Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Pela família Cândido “foi doado o terreno para a construção da Igreja, da primeira prefeitura, da primeira escola, das primeiras moradias para trabalhadores, do cemitério.” (Dantas, 2024, p. 30). Colocando-os assim, como desenvolvimentistas para o lugar, tanto que, eles também “construíram um galpão para rancho dos romeiros que seguiam com o destino ao Cariri cearense ao encontro do Pe. Cícero” (Dantas, 2024, p.30). Ou seja, são personagens que superando a ideia de não serem os primeiros habitantes, ainda sim, são importantes para a História cachoeirense.

Figura 2- Imagens da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição



FONTE: Jone Cândido, década de 1970; Acervo Pessoal, Vitória Maria, 2023.

Observando as imagens, podemos imaginar que a construção da igreja é o ponto de referência da cidade, assim considerado por parte da população. Mas quando o povoado se torna

distrito se deu porque havia moradias, escola, cemitério, etc. E, o que aconteceu em 1915 foi exatamente isso, “Cachoeira dos Índios, tornou-se distrito assim nomeado e delimitado em 1915, pertencente ao município de Cajazeiras -PB, tendo seus territórios definidos e referenciados nas novas legislações de organização territoriais e administrativas do Estado em 1938 e 1949.” (Dantas, 2024, p.32).

Isso se deve, muito porque “O desenvolvimento do povoado levou seus líderes a batalharem pela emancipação política, tendo à frente o Sr. Antônio Cândido de Oliveira” (Ferreira e Santana, 2006, p.13). O Sr. Antônio Cândido, ou como era chamado Capitão Cajazeiras, foi mais um personagem da família a se destacar, pois ele era aquele que tinha influência na região e todo mundo conhecia. A verdade é que não se tem muito material sobre ele, e o que tem escrito é demasiadamente raso, mas podemos dizer que ele defendia a emancipação política de Cachoeira e levava isso para outras autoridades.

Com isso, coloca-se no site da prefeitura municipal de Cachoeira dos Índios, que Antônio Cândido esteve à frente da emancipação política da cidade. E, também segundo o site, Cachoeira se desmembra de Cajazeiras em 1961 através do Decreto-Lei nº 2.688/61, época em que o Brasil passava pela República Nova, e que, nessas regiões sertanejas, outros muitos distritos tornaram-se cidades. Entretanto, segundo Dantas (2024), havia agentes políticos das cidades que foram fundamentais para aprovação dessa lei, mas que ele não conseguiu identificar.

Portanto, tem-se na origem de Cachoeira dos Índios as descobertas recentes que indígenas fizeram morada há aproximadamente 700 anos atrás, e que, estes sucumbiram com as atrocidades dos portugueses. Esse estudo, embora seja um exercício acadêmico inicial, indica que as narrativas construídas com a oralidade populacional e as pesquisas científicas sobre o lugar, devem ser refeitas ou repensadas. Pois, é inegável a importância da família Cândido para o desenvolvimento da cidade, mas isso só é constatado no século XX, o que indica um lapso entre os primeiros habitantes da terra e os compradores delas, podendo existir mais informações sobre a “descoberta” do lugar.

1.1 Território e ambiente: Algumas características.

A cidade de Cachoeira dos Índios, sendo a última do Estado da Paraíba, é muito bem localizada. São 193.215 km² de área territorial de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e faz divisa com o Ceará. Ela se encaixa muitas vezes como um atalho para o Estado cearense, pois a rodovia PB-420, é mais rápida para a BR 230 chegar na BR 116 e

vice-versa. Assim, torna-se uma rota de localização fundamental para caminhoneiros, romeiros, viajantes e etc.

Voltemos às terras doadas pela família Cândido no século passado, pois como vimos, serviram para a construção do cemitério, para escola, igreja e o que desejo enfatizar aqui é a construção de um galpão para as pessoas que passavam por lá. Ora, fica evidente que era uma rota desde aquela época, já que necessitou construir um espaço de abrigo. E, além dos romeiros que passavam rumo ao cariri buscando Pe. Cícero, “[...] servia de parada obrigatória para os tropeiros de burros que transportavam rapadura e farinha de mandioca da região do Cariri e sal do Rio Grande do Norte.” (Ferreira e Santana, 2006, p. 13). Acredito que, apesar de ser uma característica que passa despercebida muitas vezes, Cachoeira é uma terra de passagem, que facilita a vida dos viajantes, com caminho rápido, que liga o sertão paraibano ao cariri cearense.

É lamentável que não tenha conseguido um registro fotográfico do abrigo que serviu de descanso aos romeiros e tropeiros ditos anteriormente, apenas exponho a seguir a escola, a praça, e atrás dela o cemitério, para mostrar as doações dos Cândidos.

Figura 3- Praça Central Pe. Cícero e Cemitério Coração de Jesus.



FONTE: Jone Cândido, década de 1980.

Figura 4- Foto pintura do primeiro grupo escolar.



FONTE: Jone Cândido, década de 1970.

Muito provavelmente, embora não se tenha certeza, conversando com o dono do acervo, Jone Cândido, membro da família responsável pela doação dos terrenos, a foto da praça data aproximadamente a década de 1980, e o grupo escolar, como assim era chamado as escolas na época, indica na placa à sua frente, a administração de Vicente Leite Rolim, e ele, foi somente o terceiro prefeito da cidade. Logo, de acordo com o site da prefeitura, seu mandado corresponde aos anos entre “1969-1972 e faz com que, acredito eu, conforme ia surgindo moradias próximo ao centro com a igreja, ia se construindo gradamente os prédios essenciais para a sociedade, afinal, com esse mandato de Vicente Rolim, já se fazia 10 anos de emancipação” (Prefeitura de Cachoeira dos Índios, 2024).

Paralelamente, dando um salto temporal, a cidade é semelhante a outras cidades pequenas do sertão. Cachoeira tem hoje, 9151 habitantes de acordo com o último censo do IBGE, sendo 47,36% habitantes por quilômetro quadrado e a maioria da população mora na zona rural. Coloco como semelhante, por existir uma gama de cidades na Paraíba com menos de 10 mil habitantes e suas datas de emancipação serem próximas, fazendo parte das emancipações distritais da metade do século XX.

[...] nos anos de 1959 e 1961 houve a criação de 84 dessas localidades. Uma após outra, todas ocuparam a condição de nova unidade política “caçula”, diante dos tantos “filhos” incorporados ao mapa estadual [...] vale ressaltar que aqueles anos têm relação com as eleições estaduais de 1960, a partir das quais Pedro Gondim, que, no pleito de 1956, fora sagrado vice-governador, foi eleito governador do estado. Ao sancionar a emancipação daquelas 84

localidades, seguiu uma agenda que recebeu amplo apoio popular. (Bezerra, 2017, p. 2 - 3).

Cabe ressaltar, que a partir do ano 1963 já no mandato do primeiro prefeito, Epitácio Leite Rolim, a cidade passou a ganhar seus próprios distritos, nomeados de Balanço, Fátima, e São José de Marimbás. Entretanto, nos dias atuais mais dois foram adicionados a essa lista, são eles: Tambor e Baixa Grande. Como também, além dos distritos, a cidade possui vários sítios que não cabe citar aqui para não cometer erros, uma vez que, há lugares que se autodenominam sítios e não são reconhecidos. O importante é entender que a divisão política de Cachoeira dos Índios, contribui para a maioria dos seus moradores serem de zona rural.

O território que corresponde ao município, está localizado na microrregião de Cajazeiras, alto sertão paraibano, na bacia hidrográfica do Rio Piranhas. Além disso, é cortado por rios temporários que desaguam nos principais açudes, chamados por São Joaquim, Tabocas, Cachoeira da Vaca, Caiçara e outros. Vale salientar sobre isso, que Cachoeira “está localizada no Polígono das Secas, caracterizada pelo clima semi-árido, possui um longo período de estiagem anual, ou mesmo secas prolongadas e predomina a vegetação de caatinga de composição heterogênea formada por plantas xerofílicas.” (Ferreira e Santana, 2006, p. 11).

A cidade nos dias atuais, vem crescendo lentamente. Uma característica que podemos citar sobre isso, é a mega construção da transposição do Rio São Francisco, que corta boa parte dos sítios da cidade e até mesmo a rodovia PB 420. A construção é enorme e o período para terminá-la é ainda maior, o que faz muitos funcionários da empresa responsável se mudarem para Cachoeira e conseqüentemente a busca por moradias aumentam, melhoras na economia e etc. Pode-se dizer também, que a transposição vem moldando um êxodo rural, uma vez que as pessoas dos sítios são obrigadas a deixarem a localidade por conta de a construção passar por cima de onde moravam, e na maioria das vezes, a cidade é o caminho.

Aposto que, Cachoeira segue crescendo lentamente mesmo sendo pequena, por em 2005, quase 20 anos atrás, a população girava em torno de 8 mil habitantes de acordo com o IBGE de 2000. E ainda, no último censo demográfico em 2022, muitas cidades no Brasil perderam recursos por conta da diminuição populacional, o que não aconteceu em Cachoeira dos Índios. Posso ainda dizer que, sendo pequena e aqueles lugares em que as pessoas deixam para buscar melhores condições de vida nas grandes capitais, ela ainda resiste em crescer, quase nada, mas um crescimento que habilita um número de recursos do governo, suficientes para os governantes trabalharem para população sem aperto.

Falando em governo, gestão e prefeitura, Cachoeira dos Índios desde sua emancipação está no seu 16º gestor, sendo a maioria com mandatos de 4 anos, seguindo os regimes coerentes e alguns com gestões prolongadas com reeleição, como no caso de José de Sousa Bandeira, com 4 mandatos, um em 1977, outro em 1989 e os outros dois seguidos a partir de 1997. Acho curioso que nesses anos todos, a família Cândido, muito numerosa na cidade, não tenha um prefeito que carregue seu sobrenome e que nos anos que disputaram, não conseguiram ganhar.

Vale lembrar, que a Prefeitura Municipal de Cachoeira dos Índios, neste ano de 2024, é administrada pelo Prefeito Allan Seixas, que está em seu segundo mandato, tendo o primeiro iniciado em 2016.

Fazendo um panorama geral, nos dias atuais, na cidade há um pequeno comércio, mas que movimentava a economia por vir pessoas das cidades vizinhas, como Bom Jesus-PB e Aurora-CE. A taxa de escolarização gira em torno de 95.8%, segundo o IBGE de 2022, tendo a cidade 2 escolas, uma de ensino fundamental, outra de ensino médio, além de outras nas zonas rurais. Assim, os moradores vivem de maneira cotidiana o ambiente de uma pequena cidade sertaneja.

1.2 A cidade, seus bens e cultura

Primeiramente, acredito que para apresentar um lugar para alguém é necessário antes de mais nada, mostrar o que se tem, atrações, lugares, costumes, etc. Assim, separei este tópico apenas para isso, objetivando detalhar Cachoeira nas suas mais variadas possibilidades. Pois, para que seja concluída a ideia do capítulo, após entendido a origem e algumas características, se faz crucial expor seus valores.

Aqui, começo com o mapa cultural da cidade, publicado no site oficial da prefeitura, que calcula o número de artistas existentes no município e que estão organizados em: artes cênicas, artes visuais, artesanato, grupos de danças etc.

Figura 5- Captura de tela do mapa cultural da cidade



FONTE: Site oficial da prefeitura de Cachoeira dos Índios-PB. Disponível em: <https://www.cachoeiradosindios.pb.gov.br/cultura.php>. Acesso em: 23 de março de 2024.

Fazendo uma análise desse mapa, é necessário enfatizar que provavelmente não há somente essas artes na cidade, pois esse projeto de criar um mapa cultural surgiu na época da Pandemia da COVID-19. Ele, deve estar desatualizado, já que, a ideia serviu para facilitar o reconhecimento deles e terem acesso aos benefícios do governo de maneira mais simples. Além disso, podemos notar a falta de espaço para danças de maneira geral, seja grupos ou solo. A ideia é ótima, não há como negar, mas deveria ser melhor gerenciado para de fato difundir todas as artes e expor elas.

Adiante nisso, apesar de não existir nenhum patrimônio reconhecido oficialmente pelos órgãos competentes, a exemplo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, a cidade possui seus bens que representam algo para Cachoeira e para população e são patrimônios reconhecidos pela população, como as praças, eventos e outras expressões.

Em termos de construções, as praças são o palco para expor diversas coisas, como peças teatrais, eventos de conscientização, pequenas festividades etc. Por exemplo, a cidade tem hoje 7 praças, um número até grande para uma cidade pequena, mas em todas já aconteceu ou acontece eventos. Além disso, todas estão ligadas diretamente a um fato curioso, simbólico e até mesmo mistério. Dessas 7, seleciono 3 e exponho a seguir com suas histórias:

Figura 6- Praça Frei Damião



FONTE: Acervo pessoal, Vitória Maria, 2024.

Essa praça, faz parte da memória construída pela população mais velha, pois representa uma homenagem ao capuchinho Frei Damião de Bozzano, conhecido por ser responsável por “evangelizar o Nordeste”. Em uma de suas viagens, passou pela cidade e celebrou uma missa neste local.

Figura 7- Praça Nossa Senhora da Conceição



FONTE: Acervo pessoal, Vitória Maria, 2024.

Escolhi colocar essa praça, por ser homenagem à padroeira da cidade, essa é estátua de Nossa Senhora da Conceição, instalada durante os cinco anos da passagem do Padre Walter Anacleto pela paróquia local. Uma imagem bela e feita de cobre, que escurece naturalmente. Entretanto, a falta de conhecimento sobre preservação ou restauração de patrimônios, por parte dos agentes municipais, fez com que a imagem, que seria escura pelo efeito do seu material, ganhasse uma pintura, que contribuiu para a deterioração dos traços dela, perdendo parte de suas características.

Figura 8- Imagens da praça Padre Cícero



FONTE: Acervo pessoal, Vitória Maria, 2024.

Essa praça é a mais utilizada da cidade, para diversas atividades, apresentações de teatro, shows, eventos da prefeitura etc. É nela que se encontra a imagem de Padre Cícero Romão, conhecida por sua lenda de que, se remover o santo, alguém importante morre. Como também, encontra-se essa parede de mosaico, construída no mandato do ex-prefeito Francisco Dantas Ricarte (Bodin), fazendo ligação com a nomenclatura da cidade, com os desenhos caracterizando um índio de um lado e a cachoeira do outro.

Sobre essa praça, destacamos a pesquisa de TCC de Ranielton Araújo: “O Mistério da Imagem”: Sonho, fé e Medo na Formação de um Imaginário em Torno do Padre Cícero (Cachoeira dos Índios-PB) defendida junto à Universidade Federal de Campina Grande- UFCG. O trabalho explora o imaginário de medo construído em torno da estátua de Padre Cícero presente na praça. O autor, analisa os relatos sobre o mistério de que quem remove a imagem de Padre Cícero da praça, acaba sendo vítima de uma tragédia, produzindo um excelente trabalho sobre Cachoeira e suas curiosidades.

Nesse sentido e como citado anteriormente, as praças fazem parte do patrimônio da cidade, que liga diversos aspectos à História local, carregando consigo sua importância nos moldes municipais e suas características próprias. Contudo, as praças servem de palco para outras manifestações culturais.

Figura 9- Grupo teatral No Tempo do Ronca



FONTE: Acervo do grupo No Tempo do Ronca, 2022.

Uma marca de Cachoeira dos Índios, é sem dúvida as apresentações teatrais e artes cênicas, com características humorísticas e que servem de entretenimento para a sociedade cachoeirense, de maneira que, pelo menos umas três peças teatrais são atrações durante o ano, com o grupo No tempo do ronca, que possui canal no youtube², Sertão em Cena e o Grupo SemeArt, geradores dessas expressões artísticas.

Figura 10- Banda Cabaçal de Monteiro



FONTE: Jone Cândido, 2023.

² Canal No Tempo do Ronca: <https://youtube.com/@notempodoronca?si=b3OhxlqUjjddt0tW>

A banda Cabaçal de Monteiro existe há mais de 100 anos na cidade, sendo mais velha que a emancipação de Cachoeira. Isso se dá, por sua existência estar na região rural do sítio Cipó dos Monteiro, ou seja, a banda já soprava os pífanos desde o povoado inicial, e que perdura até os dias atuais. Ainda posso dizer, que a banda cabaçal, está no livro Inventário Juvenil do Patrimônio Cachoeirense de Djalma Dantas. Lá, ele diz que a banda “foi fundada pelo seu Antônio Monteiro, esposo de mãe Joana, uma descendente direta de escravizados, que a tradição local diz que veio do Cariri cearense” (Dantas, 2024, p. 43).

Evidentemente, não poderia deixar de citar as festas religiosas, algo também bastante simbólico na cidade. As duas representatividades mais fortes disso são a Cavalgada de São José de Marimbas e a Tradicional festa da Padroeira. A primeira, também presente no Inventário já citado nessa pesquisa, diz que “A cavalgada que acontece todos os anos na cidade de Cachoeira dos Índios - PB, teve início nos anos 2000, criada através da ideia de um homem conhecido por Sr. ° Assis” (Dantas, 2024. p. 49). Ou seja, nos anos 2000, iniciou a tradição que dura até os dias atuais, quando uma multidão se reúne todo dia 19 de março, em honra e homenagem a São José, e vários cavaleiros saem da matriz rumo à capela do distrito de Marimbas.

A outra festa, é a de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. Ela ocorre na passagem no mês de novembro para dezembro, sendo que sua comemoração é no dia 8 do último mês. Cito essa festa como uma manifestação religiosa da cidade, pois gera durante o período, uma maior sociabilidade entre os moradores, em virtude de que dentro da programação da festa, há um festival cultural, que traz grupos culturais de danças, teatro, músicas etc.

Agora, permita-me apresentar o bem natural de Cachoeira dos Índios, o Serrote do Quati. Esse lugar, foi e ainda é destino de vários grupos de trilha, que gostam de aventuras, escaladas e lugares altos. Acredito que, esse patrimônio natural é um dos lugares mais bonitos da cidade, contendo uma vista deslumbrante dos arredores graças a sua altura. Além disso, as lendas que a cercam, suas pedras e mistérios, agregam valores ao local. De acordo com o Inventário Juvenil do Patrimônio Cachoeirense:

Ao chegar no topo do serrote podemos encontrar umas rochas, lugares já conhecidos e que receberam nomes da comunidade que já subiu e visitou a serra, sendo estes locais a Pedra da Merenda, O Cordão ou Rosário da Moça, a Pedra do Rei, a Caverna, o Trono do Rei e o Pinga. Em relação à Pedra da Moça, dela surgiu uma lenda que fala cabocla encantada, já o Pinga é uma nascente de água entre as rochas, são os dois de difícil acesso (Dantas, 2024, p. 53).

Figura 11- Serrote do Quati



FONTE: Acervo pessoal, Vitória Maria, 2023.

Por fim, concluo que a cidade além desses bens e culturas citadas, tem outras, mas não que ficarão para um próximo trabalho acadêmico. Além disso, vale ressaltar que a História e origem de Cachoeira dos Índios reorganiza-se recentemente em virtude da descoberta confirmada de aldeamento indígena em suas terras, cabendo um exercício de apresentação reflexivo sobre esse aspecto³. No mais, adianto que no próximo capítulo abordarei um outro bem de Cachoeira, a expressão artística das quadrilhas juninas, uma vez que, essa foi reservada por ser tema central na pesquisa, cabendo uma análise mais atenta.

³ Assunto presente na dissertação de mestrado de Djalma Dantas (2024), responsável pelo estudo que confirmou a presença de aldeamento indígena na cidade de Cachoeira dos Índios – PB.

CAPÍTULO 2

2. QUADRILHAS E FESTAS JUNINAS: A ÉPOCA MAIS AGUARDADA DOS NORDESTINOS

Primeiramente, entender a origem da quadrilha junina no Brasil e em Cachoeira dos Índios é essencial para os objetivos da pesquisa e desse capítulo, uma vez que, a problematização está na sua estilização cultural, cada vez mais presente nesses grupos. Além disso, faz-se necessário, sobretudo nesse capítulo, enxergar outros grupos dessa dança, além da Maria Chiquinha, quadrilha escolhida de Cachoeira dos Índios para abordar a temática. A ideia, é analisar os questionamentos e apresentar esses grupos e os eventos criados em torno dessa cultura.

Os meses de junho e julho no Nordeste brasileiro ganharam um significado a mais, é um período que passou a ser ligado à religiosidade católica e festividade dos santos, mais precisamente Santo Antônio, São João e São Pedro, comemorados nos dias de 13, 24 e 29 de junho. É um mês inteiro de festas, que se estende até julho, tamanho é o apreço e identidade do nordestino. Todavia, o significado está na forma achada pelo povo sertanejo de comemorar, ou brincar “São João”, trata-se da quadrilha junina nos arraiares, uma dança tomada pela região como típica, porém com raízes alongadas além do Brasil, por sua origem europeia.

Como muitas outras coisas, a dança foi trazida pelos europeus e ao chegar aqui, tomou características inerentes em algumas regiões brasileiras, entre essas o Nordeste, lugar da quadrilha e do quadrilheiro. Aliás, segundo Câmara Cascudo (1954), quando chegou ao Brasil, a dança se incorporou e ganhou o sabor daqui, por conta dos compositores. O autor afirma que, seguindo as premissas de observar como a mesclagem cultural produziu bons frutos, a quadrilha é:

A grande dança palaciana do séc. XIX, protocolar, abrindo os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, tornada preferida pela sociedade inteira, popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático, vivida, transformada pelo povo que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco partes, gritadas pelo “marcante”, bisadas, aplaudidas desde o palácio imperial aos sertões. (Cascudo, 1954, p. 745)

Seguindo essa mesma linha, Henrique Rocha em seus estudos exhibe de onde vem a expressão “quadrilha”, mostrando como tramou-se na Europa essa arte, estando presente em diversos países.

A quadrilha - expressão vem de Quadrilhe, diminutivo da palavra inglesa Square, ou seja, quadrado - teve origem na França com o nome de "Pas de Dance", conhecida na Inglaterra como "Square Dance". A dança, difundida também nos diversos reinos da Europa, foi introduzida no Brasil pelos portugueses por ocasião da vinda da família real portuguesa à colônia no início do século XIX. (Rocha, 1995, p. 3-4).

Ao chegar no Brasil e se entranhar na cultura local, “[a] quadrilha não só se popularizou, como dela apareceram, várias derivadas no interior” (Cascudo, 1954, p. 746). O autor é certo ao falar do interior, pois na medida em que se observa, em Cachoeira dos Índios, ela chegou ao campo e diversos brincantes formavam cada um seu grupo, até uma certa data se firmar em uma só, como no caso da Maria Chiquinha, quadrilha junina objeto de estudo dessa pesquisa. Outro fator importante, é perceber o exercício de sair da elite e ir ao povo, de adentrar regiões mais humildes, sendo assim, “a eminente festa foi sendo construída como uma manifestação cultural brasileira, e tem uma ligação direta com a definição das classes sociais que demarcam o país.” (Santos, 2017, p. 15).

Outra característica, está na popularização da quadrilha, que não se pode deixar de citar, ao contar sua História. Essa dança, se popularizou na Europa e nas cortes francesas e com sua migração para o Brasil, também ganhou adeptos na sociedade palaciana daqui, pois a aristocracia vivia espelhada aos moldes europeus. Pode-se citar, que a grande diferença foi a transmissão para outras camadas da população, já que, para Henrique Rocha “Não tardou, no entanto, que esta dança atingisse também as camadas mais subalternas da sociedade, popularizando-se e tomando-se instrumento para que a plebe, desvirtuando a estética francesa, ironizasse e parodiasse a corte brasileira” (Rocha, 1995, p. 4).

A quadrilha junina, hoje está dividida entre tradicional e estilizada, mas de maneira geral, é formada por um grupo de pessoas, comissão e dançarinos. Além disso, ela é puxada por um marcador, a pessoa que agita e indica os passos que seguem a música, sendo um trabalho de alta responsabilidade e que requer um preparo atencioso. Já a comissão, é a organização além do que se vê, quem resolve as burocracias, papeladas e eventos. Ainda posso citar, que encenações são visualizadas dentro do grupo, muitas vezes sendo um casamento matuto que gera o espetáculo e acontece de acordo com a temática escolhida para aquele ano.

As festividades juninas quando se dança a quadrilha, se desloca para o interior do Brasil, podendo ser observados em diversas cidades do nordeste, inclusive nas capitais. E assim, a dança chegou também em solo cachoeirense e segundo o que os moradores da cidade falam, acontece esse tipo de festejo desde o século passado, desde a formação regional, a diferença é que, era rural e não tinha tanto prestígio, resumindo-o como um momento dos festejos juninos.

Entendendo a origem da quadrilha, cabe lembrar agora, que as festas juninas “estão diretamente ligadas ao princípio da colheita do milho, alimento que produz toda a culinária da época. A tradição de festas comemorativas em devoção aos santos da Igreja Católica é mais uma herança cultural deixada pelos colonizadores portugueses no nosso país.” (Rocha, 1995, p.3). E além disso, não há como falar de quadrilha, se não falar dos festejos juninos, pois “[a] quadrilha junina faz parte do enredo dentro das próprias festas juninas, mesmo seu sentido sofrendo algumas modificações ao longo dos tempos, ainda é uma marca cultural forte no Nordeste brasileiro.” (Soares, Endres, Camilo, 2023, p. 242 - 243).

As festividades juninas, são os espaços principais para apresentação das quadrilhas, é o local em que a dança é tomada como atração principal. Se for para exemplificar, não há festa junina sem comida típica, sem fogueira e sem dançar quadrilha. E para além disso, há a representatividade religiosa, pois carrega o nome “São João” do santo, como se fosse o nome da festa. Sabemos, que as comemorações aumentam por causa dos feriados os Santos, isso acaba movimentando comércio por causa dos eventos, gerando mais sociabilidade e reconhecimento da cidade em que vive esse tipo de cultura.

Podemos aqui, voltar nossos olhares para as discussões patrimoniais, uma vez que, nos últimos tempos passou a gerar uma maior preocupação para se ter proteção dos bens e reconhecimento deles. Pois, nitidamente a quadrilha se enquadra nessas preocupações, e o processo de estilização fomenta ainda mais isso. Vale citar, que independente de patrimônio material e imaterial, é necessário que haja iniciativas educacionais voltadas para a preservação.

Estamos falando aqui, de não esquecer, de não ficar refém de uma memória que pode ser apagada, sendo a quadrilha um patrimônio intangível. Aliás, mesmo que não tenha reconhecimento dos órgãos de preservação, “a relevância de uma determinada manifestação depende da própria comunidade que se reconhece nela. Assim são as festas juninas, símbolos da identidade nordestina e que está diretamente ligada ao ser e ao saber fazer” (Soares, Endres, Camilo, 2023, p. 242).

Há uma relevância histórica dentro da construção cultural tanto das festas juninas quanto das quadrilhas, que movimentam diversas comunidades seja

no eixo social, cultural e econômico. A quadrilha é uma dança cultural corporal de movimento, composta por um conjunto de conhecimentos e diversas interações. Trata-se de uma manifestação cultural influenciada por diversas raízes históricas, mas pelo povo brasileiro (Soares, Endres, Camilo, 2023, p. 242)

Conforme a citação aponta, a quadrilha é uma manifestação cultural, que movimenta diversas comunidades em diversos eixos. E, esse trecho por si, alimenta a necessidade de educação patrimonial para sua preservação. Pois, patrimônio corresponde, de acordo com o pensamento de Carlos Lemos (1981), mais precisamente o cultural, três categorias, a primeira com elementos pertencentes a natureza, a segunda seriam as técnicas e saberes, onde podemos incluir a quadrilha e sua dança, já a última as construções e artefatos.

A quadrilha junina em Cachoeira dos Índios, de acordo com o Inventário Juvenil do Patrimônio Cachoeirense (2024), teria se popularizado na região na década de 70, representando o homem do campo, a festa junina e os santos do mês de junho. Sobre isso, Luciana Chianca diz:

As representações do caipira/matuto aplicam-se sem dificuldade aos trabalhadores e pequenos proprietários rurais. E mais precisamente aos migrantes internos, porque, para os citadinos, o matuto/caipira não é apenas “um rural”, mas o representante desse universo junto ao citadino. Entre o interior (a “natureza selvagem”) e a capital (a “urbe civilizada”), ele é o mediador do rural e do urbano. (Chianca, 2007, p 48).

Com isso, percebemos que desde 1970, quando a quadrilha junina surgiu em Cachoeira, a representação do matuto e do homem do campo esteve presente como se fosse uma característica própria. Sabemos, que na verdade, isso já é uma regionalização da cultura que desde a sua chegada na cidade, não saiu mais. Além disso, também de acordo com o Inventário Juvenil citado no parágrafo anterior “As quadrilhas juninas são de muita importância, pois trazem junto com a tradição a essência do povo nordestino. Cachoeira dos Índios é conhecida como a “cidade das juninas”, pela Paraíba e em outros estados.” (Dantas, Santos, 2024, p.47).

Portanto, entendidos da origem da quadrilha, sua chegada ao Brasil, sua importância patrimonial e o surgimento delas em Cachoeira dos Índios, no tópico seguinte irá ser apresentado as quadrilhas que se formaram na cidade. Se faz necessário uma amostra do que aqui se tem, e da Junina Maria Chiquinha, para se ter um maior conhecimento dessa cultura por aqui, como é dinamizado e estruturado.

2.1 As Quadrilhas Juninas de Cachoeira dos Índios-PB

As quadrilhas juninas são danças executadas em diversos locais, cidades e regiões. Em Cachoeira dos Índios também existe essa tradição que se perpetua há muito tempo, sendo muito exaltada e procurada na cidade nos meses de junho e julho. Algumas das quadrilhas se encontram ou fizeram sua passagem no arraiá dentro do recorte temporal (2004-2017) são: Arraiá do Aguiar; Fogo na Boneca; Linda Rosa; Maria Chiquinha e Moleka Enxerida. Assim, mostraremos como é essa cultura na cidade.

Como registrado, a dança surgiu em Cachoeira no século XX, mais precisamente nos anos 70. Esse fato, está ligado essencialmente ao rural e aos bairros, quando não se tinha uma maior organização dos grupos para dançar, já que a base era dançar em comemoração dos festejos juninos. E, quando se fala em falta de uma maior organização, trata-se da falta de uma roupa padrão, uma seleção de músicas especiais e um reconhecimento de casais específicos.

Para melhor entender, as quadrilhas eram mais prestigiadas nas zonas rurais como uma brincadeira em comemoração ao São João, de forma mais livre. Além dos sítios, havia as quadrilhas de bairros que funcionavam da mesma forma, uma turma da localidade se unia para dançar. No mais, isso começou a ser mudado a partir dos anos 2000, quando os primeiros grupos passaram a se organizar, gerenciando a quadrilha, suas apresentações e como seria a dança daquele ano. Acredita-se que:

As quadrilhas procuraram formas modernas de congregar o regional, o rural e a identidade pré-migratória representadas nas cidades. Por interseção dos grupos sociais que utilizam da Quadrilha como uma forma de sobrevivência no intelectual e sociocultural dos espaços urbanos. Assim com sua existência em diversos meios a consagração da manifestação na cultura popular brasileira veio em conjunto e pela sistemática dos avanços do urbano no rural. (Santos, 2017, p. 17).

Considerando esse aspecto de congregar o regional, o rural e a identidade, observamos o surgimento das primeiras quadrilhas organizadas. Nesse sentido, a quadrilha Linda Rosa de Cachoeira dos Índios, foi uma das primeiras com sistemáticas transformações que ocorrem desde o início do século XXI.

Figura 12- Quadrilha Linda Rosa



FONTE: Rede social Facebook da Quadrilha. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=149801355155524&set=pb.100003769802284.-2207520000&type=3> Acesso em: 27 de abril de 2024.

Essa quadrilha, coloca-se como uma das primeiras a se organizar, formar um grupo mais forte ao unir amigos, colegas e familiares. A Linda Rosa, foi também uma das primeiras a começar a disputar, ao começar a participar de campeonatos dentro e fora a cidade, servindo de exemplo para as demais, assim como a própria Maria Chiquinha.

Adiante, coloco outras três quadrilhas importantes que se formaram em Cachoeira.

Figura 13- Quadrilha Arraiá do Aguiar



FONTE: Fernanda Pereira, 2013.

Figura 14- Quadrilha Fogo na Boneca



FONTE: Perfil da quadrilha no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100070808778512>. Acesso em: 24/01/2024.

Figura 15- Quadrilha Moleka Inxirida



FONTE: Junior Soares, 2017.

Essas quadrilhas, são algumas que já surgiram com mais organização, ganharam reconhecimento do público e marcaram presença em muitas festas juninas. Escolhi citar essas

3, além da linda rosa, por terem um maior período de duração, sem esquecer a quadrilha Maria Chiquinha, que será explorada no próximo capítulo.

Todas essas, obtiveram o caráter competitivo no decorrer de suas existências, constituindo suas histórias no período em que transpassava a cultura do tradicional ao estilizado. Tanto que, algo que pode ter ficado confuso no decorrer da leitura, é o fato de uma hora utilizar o termo quadrilha para se referir a ela, e outra hora, usar a palavra junina também para se referir a quadrilha. Na verdade, percebe no passar do tempo que até mesmo os termos de referências mudaram, no qual, hoje em dia é preferível no universo junino, chamar um grupo que dança quadrilha, de junina. Ou seja, quadrilha é a dança e junina é o grupo dos dançantes.

As juninas, formam seus grupos semelhantes uns aos outros, todos no início do ano, divulgando através das redes sociais e amigos para chamar os integrantes. Geralmente, existe um período especialmente para isso, sendo que, três meses antes da época mais aguardada é a preparação com os ensaios, coreografias e músicas.

Os ensaios das quadrilhas iniciam-se de cinco a três meses antes do período junino e tem como primeiro passo a de escolha dos pares que dançarão e a elaboração da coreografia a ser dançada. Neste período inicia-se também o trabalho de ensaio do casamento com a definição dos personagens entre os brincantes a partir de um texto previamente escrito. Para o casamento também são criados adereços e cenários para a representação numa clara absorção de elementos da prática teatral para o melhor desempenho do grupo. Durante o período de ensaios os grupos reúnem-se frequentemente para avaliar o desenvolvimento do trabalho e preparar estratégias para angariar recursos para cobrir seus gastos durante as apresentações. Vale lembrar que para uma quadrilha deslocar-se para os diversos festivais são fretados ônibus, e essas apresentações podem chegar ao número de 20 durante o mês de junho, contando que muitas vezes uma quadrilha pode apresentar-se mais de uma vez na mesma noite. (Rocha, 1995, p. 12).

Como observado na citação, antes de uma junina se apresentar, os preparos para conseguir forma-la são enormes, uma vez que, os grupos possuem um gerenciador que organiza os gastos, roupas e adereços. Além disso, “As formas de levantar fundos são diversas e vão desde bingos, feirinhas de bebidas e comidas nos bairros, pic-nics em praias até patrocínios de instituições e empresas.” (Rocha, 1995, p. 12). O que, mostra o trabalho e dedicação dos quadrilheiros para oferecerem o espetáculo à sociedade.

Segundo Soares, Endres e Camilo (2023), esse tipo de interação entre os agentes envolvidos da cultura e a sociedade, fortalece a identidade deles e da comunidade. Como também, “A ligação da cultura e do patrimônio é indispensável para que desse modo, os turistas, os visitantes e os moradores da localidade possam entender melhor, apreciar e se envolver com

as ações, as atrações e os eventos realizados em sua localidade”. Então, quem produz a quadrilha e quem à prestigia, são cruciais para o fortalecimento das identidades culturais.

Podemos lembrar, que cultura apesar de ser um termo abrangente, é de maneira geral “um domínio dos símbolos, e sabemos, o símbolo tem a capacidade de apreender e relacionar as coisas. Neste sentido, o homem é um animal simbólico, e a linguagem uma das ferramentas imprescindíveis que define sua humanidade” (Ortiz, 2008, p.123). Assim, “[a] manifestação passa a ser uma representação de diversas tradições culturais, interagindo com o social, político e regional.” (Santos, 2017, p. 2007).

Portanto, as quadrilhas de Cachoeira se formaram no final do século XX e se perpetuam até os dias atuais no cenário artísticos das apresentações culturais. No tocante às suas formações, iniciaram sem tantas preparações, sendo as quadrilhas dançada pelas pessoas nas zonas rurais e bairros da cidade, apenas para festejar a época junina. Agora, formam-se grupos mais estruturados e preparados para a junina dançar e disputar campeonatos levando o nome de Cachoeira dos Índios por onde passa.

2.2 Os Locais de Incentivo e de Apresentações

Esse tópico, foi pensado para mostrar os locais que incentivam e incentivaram os jovens a buscar dançar quadrilha no município, sendo que é parte do processo de fomento dessa dança, como também, os locais em que as juninas dançam nos dias atuais. Isso se faz importante, para analisar o trajeto que indica mudanças de estilização na quadrilha. Além disso, se faz possível enxergar o processo de evolução nesses locais e espaços de apresentações.

Nesse aspecto, uma das coisas que incentivam os jovens a entrarem no mundo dessa dança é a escola, assegurando uma influência maior na festa dela em comemoração aos festejos juninos. Isso acontece, por a escola formar uma quadrilha com os alunos, para depois de muitos ensaios, dançarem no São João escolar. Além de que, no mesmo dia, chamam as juninas da cidade como atração para o dia do festejo, servindo também de exemplo e incentivo para os alunos e iniciantes no mundo junino.

Apesar da tradição junina ter tão forte em si a natureza agrária, esta manifestação permanece viva nos meios urbanos, mesmo que por vezes, com uma visão deturpada de representar o meio rural. O primeiro contato que temos com quadrilha se dá através da escola, que quando realiza suas festas juninas contribui marcantemente para a formação de uma caricatura da população rural [...] Percebemos então que, dentro das quadrilhas escolares, ingenuamente, as crianças têm suas primeiras noções sobre o homem rural como um ser incondicionalmente pobre, vestido com trapos, dentes podres e de linguagem tosca. A escola e seu meio de educação tradicionalista

caracterizam-se como a primeira instância no processo de banalização de uma manifestação de cultura popular (Rocha, 1995, p. 9).

Embora haja críticas, como exposto no trecho acima, a escola é muitas vezes o primeiro contato do jovem com o mundo da quadrilha junina, e o que almejo aqui é verificar a influência fora desse aspecto de banalização, que a citação aponta. O que nos vale é o contato de influência que rola da quadrilha escolar com as quadrilhas de fora que se apresentam no São João escolar. Posso ainda dizer, por experiência própria, que é dessa forma que muitos jovens na cidade passaram a dar valor e buscar essa cultura, pois ela propiciaria conhecer novas pessoas, viajar para outras cidades, dançar e ganhar prêmios.

Com o passar dos tempos, as próprias escolas da cidade começaram a buscar um professor de dança nas juninas de Cachoeira. Nesse movimento, separa-se um dia ou dois para ensinar os alunos, sobre os passos essenciais de uma quadrilha. A figura caricata e problemática do matuto que se desenha nas escolas, passa nos últimos anos a ser superada no universo quadrilheiro, sendo a visão do *glamour* e brilho das juninas estilizadas o principal foco.

Os locais de apresentações, são chamados de “Arraiá”, um espaço maior dos festejos juninos, muitas vezes em formato de quadrado que é separado para as exposições de casamento matuto e juninas. Os arraias, estão presentes nas festas escolares, nos campeonatos e nos festivais, é nele em que a junina mostra o seu trabalho de meses.

As apresentações das quadrilhas juninas acontecem em “arraiás” geralmente organizado pelo poder público ou iniciativa privada, quermesses promovidas pela igreja e escolas. Em Cachoeira dos Índios-PB, geralmente são as escolas particulares e públicas as maiores organizadoras de eventos juninos, com várias apresentações tanto de quadrilhas como de danças típicas (Sousa, 2017, p. 22).

Como observado na citação, outro lugar de incentivo são as quermesses promovidas pela igreja, local onde há um espaço que possibilita a apresentação da junina. O que eu quero mostrar chamando as escolas e festa de igrejas como “locais de incentivo” é por promoverem eventos nos seus ambientes (escola e igreja) que instigam essa cultura.

Outra coisa, que também busco é chamar atenção para os espaços que as juninas utilizam para mostrar seus trabalhos sem disputas e gratuitamente. Há uma diferença, pois os arraias está entre apresentações gratuitas e locais de disputa. Ou seja, as apresentações nas escolas, nas igrejas e de poder público é onde acontece o campeonato, a ideia é disputar títulos. Para Chianca (2018, p.129) existe além dessa diferença, as quadrilhas de competições que se configura por ser “um jogo sério onde todos investem muito recursos, energia, sonhos e projetos,

mobilizando-se para vencer os concursos, numa démarche que envolve rivalidades e disputas internas e externas em troca de visibilidade, dinheiro e reputação”.

Em Cachoeira dos Índios, as quadrilhas citadas no tópico anterior estiveram em todos os tipos de arriares, mostraram a dança e disputaram campeonatos. Posso citar diversos locais de apresentação gratuita visando prestígio, são eles: São João de escolas públicas; escolas particulares; Festas de padroeiros; Lugares específicos, como eventos de empresas, eventos políticos etc. Aqui vale destacar, que são essas feitas no próprio município e em cidades circunvizinhas, já no caso de “lugares específicos”, exemplifico apresentações em restaurantes, recepções de um político, e até mesmo ao programa Siga Bem Caminhoneiro, que em vários anos passa pelos postos de combustível de Cachoeira.

Por outro lado, devemos olhar para os festivais, os locais de disputa e rivalidade, que engloba e exige tudo de melhor que uma quadrilha pode oferecer. Alguns existiram na cidade e ainda existe para atrair público, gerar economia, lazer e premiações.

Os concursos podem envolver concorrentes de uma mesma cidade, estado ou de todo país- como os da CONFEBRAQ (Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas)⁶ - mas em geral são promovidos pelos poderes públicos (prefeituras municipais ou governos estaduais), e iniciativas do poder privado, como órgãos de comunicação, especialmente as emissoras de televisão. (Chianca, 2018, p. 130).

Conforme a citação, geralmente o poder público e a iniciativa privada são responsáveis por criar esse tipo de competição. Voltando nosso olhar para Cachoeira, apesar de a prefeitura não criar nenhum campeonato, ela apoia as iniciativas, assim, abraça esse tipo de evento, além de investir na cultura. Pois, “[t]anto a perenidade de um grupo quanto sua presença nos concursos e festivais está diretamente condicionada à sua capacidade de articular e gerir esses recursos materiais e simbólicos - para garantir sua visibilidade junto à totalidade do campo festivo da cidade” (Chianca, 2018, p.130). E isso, possibilita arrecadar fundos para pagar as dívidas feitas no ano, ou levantar recursos para o próximo.

As quadrilhas de Cachoeira já estiveram em vários festivais de cidades e estados vizinhos, como também, nos da própria cidade. Podemos citar o tradicional festival do Baixo-CE, Aurora-CE, Ipaumirim-CE, Xamegão de Cajazeiras e diversos outros campeonatos.

Figura 16- Troféus da quadrilha Maria Chiquinha



FONTE: Tony Cândido, 2024.

A galeria de troféus da Maria Chiquinha, nos permite ter noção da quantidade de apresentações da quadrilha ao longo dos anos, como também, imaginar o volume de espetáculo dela e das demais quadrilhas da cidade. Ainda, imaginarmos que desde o início de uma organização mais estruturada por volta do ano 2000, abriu as portas para o desenvolvimento aprofundado desse tipo de cultura no município, acarretando nos seus próprios campeonatos.

Como não citar o tradicional festival de quadrilha do sítio Pitombeira de Cachoeira dos Índios, intitulado Arraiá do Aguiar? Nele, a rivalidade era tamanha que unia quadrilhas de todo alto sertão paraibano, do Rio grande do Norte e do Ceará. Além dele, podemos lembrar o Festival de Quadrilha da Quadra do Mazinho, que seguia a mesma disputa. Ainda, temos o Fest cachoeira, realizado no ginásio municipal.

Assim, “[a] competição estrutura a organização interna, a dinâmica de produção e, principalmente, provoca a transformação de um brinquedo popular sazonal em uma atividade anual, desenvolvida por grupos que se mantêm integrados em relações interpessoais e intergrupais.” (Menezes, 2015, p. 111). E, “todos os grupos procuram fazer um trabalho com maior rigor e elaboração, onde esforços financeiros não são medidos e os elementos que são incorporados à quadrilha fica a cargo da imaginação, ou estratégia, de cada grupo” (Rocha, 1995, p. 15).

Cada festival possui seu próprio regulamento que vai desde os itens colocados em julgamento até punição em casos de atraso da quadrilha. Os regulamentos versam também sobre a conduta dos participantes presentes ao festival, para

evitar conflitos entre grupos rivais, como também em alguns casos, sobre critérios de originalidade da coreografia e da indumentária. Em todos os festivais é determinado um limite de tempo para a exibição da quadrilha, cabendo normalmente 10 minutos para a apresentação do casamento e 20 ou 30 para a exibição da dança. Normalmente são colocados em julgamento os seguintes itens: casamento, coreografia, originalidade, empolgação marcador, casal de noivos e rainha. Uma comissão julgadora convidada a critério da organização do festival faz a avaliação dos trabalhos exibidos e determina a classificação das quadrilhas. As premiações são em forma de troféus e em alguns casos com medalhas para melhores personagens do casamento, casal de noivos, rainha e marcador. (Rocha, 1995, p. 14-15).

A citação acima, é um resumo de como é um festival, podendo ser aplicado à realidade de Cachoeira dos Índios, como nos grandes e importantes campeonatos. Posso citar aqui, a Etapa Sertão de Quadrilhas, que apesar de não haver fins lucrativos, o prêmio maior é ir dançar no maior São João do mundo, o de Campina Grande-PB. Ou seja, além desse resumo de como é um festival, ele também pode ser aplicado para esse maior evento citado, já que, muitos quadrilheiros almejam chegar até o famoso parque do povo, que entenderemos melhor no próximo capítulo.

Por fim, entendidos da origem da quadrilha no Brasil e em Cachoeira dos Índios-PB que foi observado nesse capítulo, vemos as raízes e estrutura das juninas, com espaços de apresentação. Além disso, cita-se a educação patrimonial para lembrarmos a significância cultural dessa dança e a importância de preservá-la. Agora, no capítulo seguinte, trabalharemos a estilização no cerne da Quadrilha Maria Chiquinha, seguindo os anos de 2004 até 2017, vendo mudanças do processo de estilização.

CAPÍTULO 3

3. MARIA CHIQUINHA NO ARRAIÁ: O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR

Neste capítulo, discorreremos sobre a formação da quadrilha Maria Chiquinha, de maneira que, voltando ao passado, possamos mostrar com a chegada dessa dança em Cachoeira dos Índios manteve os aspectos de iniciação e continuação por meio da quadrilha. Ademais, é observada a caminhada artística do grupo e como enfatizavam as mudanças e adventos de características contemporâneas, em virtude das variadas temáticas e abordagens. A todo instante, é necessário observar o que instiga cada movimento e variação, sendo que, o propósito maior é compreender as artimanhas utilizadas para fazer a tradição perdurar. Dessa forma, podemos entender a trajetória cultural dessa dança na cidade, observando as questões relacionadas à estilização.

3.1 Os primórdios de dançar quadrilha numa cidade sertaneja do interior

Podemos dizer, que a quadrilha junina aqui no Brasil, veio do rural ao urbano, e chegando aos grandes centros, se organizou de maneira mais efetiva. Isso é um fato confirmado pelos entrevistados e outros trabalhos da temática, porém a questão chama atenção por sempre moldar-se de acordo com o tempo. Tal qual, em Cachoeira, a Maria Chiquinha se formou dessa maneira, grupos que já dançavam quadrilha, mas de uma maneira nômade e com o passar do tempo se firmou em uma só, questão presente na fala de Hélder Sousa entrevistado, que ao ser questionado como começou a quadrilha Maria Chiquinha ele respondeu:

[...] A gente já participava em outro bairro, o bairro matador. Havia quadrilhas que se formavam e no ano seguinte formavam outra quadrilha, sempre com um nome novo. Nunca a quadrilha tinha continuidade. E nessa vez houve a junção de alguns componentes lá do bairro matador com alguns do centro da cidade, que aí veio a formar a Maria Chiquinha em 2001. E de início eu entrei como noivo. A gente começou a ensaiar, ensaiar. Eu era o noivo e houve uma única apresentação eu como noivo e uma outra pessoa era o marcador da quadrilha. E por acontecer erros na apresentação, durante a apresentação, o marcador caiu fora, caiu for... “nós ensaiamos, ensaiamos, ensaiamos para chegar no dia e eles ainda erraram.” Ele caiu fora. E aí ficou aquela questão, a quadrilha se acabar, que era pleno mês de junho já? Acaba... “quem vai, quem não vai”. E acabaram me elegendo mesmo contra a minha vontade. “Não, vai ficar você como marcador e a gente bota o Tony como noivo”. E assim foi. Daí por diante eu fui um ano, segundo ano eu organizei o mesmo,

terceiro e assim foi. [...] (Sousa. Entrevista concedida no dia 28 de fevereiro de 2024).

Essas desenvolvimentos que aconteceram na formação da quadrilha, mostra que seu início de certa forma, já estava se distanciando do campo, mesmo Cachoeira sendo de baixa densidade populacional. Como afirma o entrevistado, havia quadrilhas de bairro que se uniram ao entorno da dança, deixando evidente, como uma expressão artística pode unir pessoas pela experiência, pelo lazer e pelo divertimento. Por conseguinte, a fala de Tony Albuquerque também indica “[...] E foi assim que começou, no bairro Matador, às 3h30 da tarde, no sol quente, como se diz, fim da meio-dia, a gente começou os ensaios. Aquele grupo de amigos de infância, entendeu? [...]” (Albuquerque. Entrevista concedida no dia 28 de fevereiro de 2024), deixando evidente que além dos aspectos anteriores, havia amizade, conforme afirma, também Rocha:

Festejar São João, Santo Antônio, São Pedro e dançar quadrilha tomou-se então um aspecto cultural importante para nossa sociedade inclusive para o processo de socialização das comunidades. Todo o processo de ensaios da quadrilha e preparo dos festejos juninos envolve a comunidade, principalmente os jovens, em sua elaboração. É sobre os jovens que repercute mais acentuadamente o fator socializante. No São João, os pais relaxam o controle sobre os filhos, que têm nesta época do ano a oportunidade de criar novas relações de amizade, surgindo assim as primeiras experiências no campo afetivo e sexual. As festas, enfim, possuem uma característica de interrupção da rotina, de liberação e suspensão de alguns controles sociais temporariamente. (Rocha, 1995. p. 5)

Basicamente, esses são os primórdios de quadrilha Maria Chiquinha e que perdurou até 2004, justificando o recorte temporal da pesquisa. De outra forma, os três primeiros anos (2001-2003) foram de maneira minguada, uma ou duas apresentações, apenas na cidade, sem existir tanta organização que teve os anos seguintes. Aliás, 2004 é o primeiro ano de saída da junina para outras cidades, o que efetiva crucialmente o contato com outras quadrilhas de diferentes regiões. Pois, “Com o passar do tempo, os próprios grupos sentiram a necessidade de modificar as situações de acordo com as transformações e novos conflitos que permeiam o seu cotidiano” (Rocha, 1995, p. 6).

Essas “transformações e novos conflitos” apresentado anteriormente por Henrique Rocha, interpretamos como as disputas, torneios, festivais e rivalidade. Pois, evidentemente, ao unir-se a um grupo, outros também já tinham se integrado, não era apenas uma quadrilha, eram muitas e o que importava a partir daí, era: quais eram as mais bonitas e quais dançavam melhor, etc. Ou seja, para uma Maria Chiquinha, já existia uma Linda Rosa e diversas outras, então, o

que fazer para se destacar? A pergunta, motivou os anos seguintes e serão destaques mais à frente.

Observamos que nos primeiros anos de formação, simplicidade das roupas de chita ou xadrez, muitas vezes sendo roupas coletadas no armário de casa, sendo como um requisito da época, como diz o entrevistado Albuquerque sobre o chamamento “[...]vamos montar uma quadrilha com chita, xadrez, com roupa que qualquer um poderia conseguir na própria casa, ou nos vizinhos, ou na própria família. E foi assim que começou [...]” (Albuquerque. Entrevista concedida no dia 28 de fevereiro de 2024). De fato, o tipo de tecido e roupa até então, era o mais acessível para todos, tanto pelo custo, quanto pelo que entendiam até então de quadrilha.

Os trajes eram simples, de tecido de chita, e o modelo da roupa era escolhido pelo próprio dançarino; cada um escolhia seu retalho de tecido e fazia sua roupa ao seu gosto: para as damas, vestidos rodados com babados, e para os cavalheiros, camisa xadrez, listrada ou florida, com calça remendada simbolizando traje típico do matuto, uma visão caricaturada do homem do campo. No cabelo as damas usavam uma flor ou tranças amarradas com “Maria Chiquinha”, os homens usavam chapéu de palha, acessório que continua sendo usado até hoje por alguns grupos. (Sousa, 2017, p. 34).

O aspecto da simplicidade representa a quadrilha chamada tradicional, que seria uma das variações já prescrita por Câmara Cascudo em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, citado aqui. Bem como, nessas agregações, pode-se citar as marchinhas juninas como trilha sonora para iniciar os passos da dança, pois as músicas ditavam o ritmo e mudava o balançado. Assim, quando tocava as marchinhas, Luiz Gonzaga e outras músicas de forró, os dançantes já sabiam o que vinha a seguir. Logo, a Maria Chiquinha andou seus primeiros anos com esses aspectos “os passos eram os típicos das quadrilhas tradicionais como: anarriê, alavantur, cavalheiro cumprimente sua dama, balancê, trancelin, grande roda, túnel, parafuso, serrote.” (Sousa, 2017, p. 33-34).

Figura 17- Primeira formação da quadrilha Maria Chiquinha



FONTE: Helder Sousa, 2001.

Desse modo, sabemos como eram as roupas e as músicas, podendo estender essa explicação até o ano de 2004, pois, como a música de Chico Buarque (1977) diz “E neste ano, como todo ano, uma vez por ano, tem quadrilha no arraial, e neste ano, como sempre, salvo chuva e salvo engano, a satisfação é geral” no canal do youtube Choro e Poesia, explica bem como era dançar quadrilha no interior, resumindo as explanações feitas até aqui de maneira simples.

Portanto, dançar quadrilha em Cachoeira dos Índios, interior da Paraíba, para a Maria Chiquinha foi assim, o lazer e liberdade buscado por amigos, a dança uniu propósitos e formou a junina no ano de 2001, que seguiu os mesmos moldes até 2004, ótica inicial desta pesquisa. Pois, até então, as músicas, as roupas e os passos eram os mesmos, já que a alegria de dançar uma vez por ano se encontrava maior que proliferação da dança e futuras disputas.

3.2 Dança e espaços: Aspectos da caminhada artística

Entender os primórdios da quadrilha, possibilitará compreender os próximos passos, uma vez que, no ano de 2004 a junina desponta no cenário artístico. Ora, foi o ano em que o crescimento não só chegou, como foi necessário, pois segundo o entrevistado Helder Sousa “mais ou menos em 2004, eu posso dizer, se eu não estiver enganado, a gente começou a organizar rifas, para que cada participante vendesse uma quantia X de rifas, para aquele dinheiro ser comprado em um pedaço de tecido” (Sousa. Entrevista Concedida no dia 28 de fevereiro de

2024) Já não havia mais satisfação em continuar com as mesmas roupas, ou pelo menos com os mesmos desenhos de roupas. O mesmo entrevistado ainda explica:

[...] a gente começou a fazer os vestidos padronizados, a gente começou, tentou colocar uma saia de armação que era com um arame, era uma saia de algodãozinho, se eu me engano, tecido cru, com um arame, que não deu muito certo. Em 2005, a gente já fez aquelas que é usado hoje, que é de tule, E aí, a gente foi mudando a questão do arranjo das meninas [...] (Sousa. Entrevista concedida no dia 28 de fevereiro de 2024).

De fato, podemos dizer que a caminhada mais organizada da Maria Chiquinha começou com a padronização de suas roupas. Aliás, é evidente que ao percebermos essas mudanças, as vestimentas são as que mais chamam a atenção, mas elas foram além disso e serão exploradas sequencialmente nesse capítulo, pois conforme Henrique Rocha (1995), seria difícil definir padrões, o tradicional ficava, mas outras influências externas seriam inevitáveis.

Por conseguinte, a junina que tinha como presidente o próprio Hélder Sousa, se organizava para mais um Arraiá em 2004, as preparações começaram mais cedo, para que no fim de maio já estivesse tudo pronto. Nessa medida, o próprio presidente desenhava as roupas, montava as coreografias e separava os casais, era o início da estilização que ocorria, não se tinha noção de onde poderia chegar e o quanto poderia evoluir, somente se reinventaram no momento em que as mesmas roupas e as mesmas músicas não constituíam mais as novidades do mês de junho. Foi assim que a Maria Chiquinha saiu das fronteiras de Cachoeira, tanto que Albuquerque diz “[...] a gente viu que a gente podia sair para outras cidades, porque a gente começou a receber convites, para participar de festivais, apresentar em outras escolas das cidades vizinhas, que antigamente era só aqui, no São João Cristão, no São João do Estado e no São João Maria Cândido” (Albuquerque. Entrevista concedida no dia 28 de fevereiro de 2024).

Nitidamente, foi o ano “abre portas” para a junina, uma dança simples, poderia proporcionar mais que uma apresentação e mais que elogios locais durante um ano. Era necessária uma evolução, ou melhor, mudanças, pois os cenários seriam outros. Isso é posto, já que de acordo com Hélder Sousa, a partir da organização e o grupo fortificado:

[...] A gente começou a participar de festivais. Então, tipo Xamegão, né? Outros festivais aqui, como na própria cidade, como lá em Mazinho Monteiro, que vinha muita quadrilha do Ceará. Lá no Ceará, as quadrilhas que vinham já estavam adiante da gente. Então, havia a necessidade da gente querer fazer essas mudanças para também ficar igual, para brigar com as outras quadrilhas no mesmo nível. Brigar na dança (Sousa. Entrevista concedida no dia 28 de fevereiro de 2024).

Esse relato, nos faz perceber que essas primeiras mudanças foram naturalmente acontecendo, e de certa forma, até os espaços de apresentação foram modificados. Quer dizer, os primeiros aspectos da caminhada artística, posta no título desse subcapítulo, objetiva detalhar exatamente as transformações que cercaram a junina nesse período entre 2004-2017. Aliás, mudou-se as roupas, mudou-se as músicas e os lugares. O ambiente já não era mais o escolar, não era o São João na rua, tratava-se de disputas, quando o entrevistado usa o termo “festival” está se referendo a um ambiente em que diversas quadrilhas de diversos lugares se apresentam para o público e os jurados, para esses elegerem as melhores.

Isso também, representa o contato com outras quadrilhas, fator muito importante na caminhada, pois evidentemente, se algo melhor fosse visto na outra, seja um passo, uma roupa ou um personagem, seria motivo para também querer aquilo ou criar algo semelhante que fosse tão bom quanto. Em síntese, algo positivo seria inspiração para as melhoras dos próximos anos, “brigar na dança” é exatamente extrair o melhor que ela pode oferecer. Então, além de disputar colocações, seria um incentivo para voltar no próximo ano, pois, essa também é uma característica dos festivais, se ele durar por alguns anos, ele ganha relevância para si e para as quadrilhas, buscando as melhores colocações.

Figura 18- Quadrilha Maria Chiquinha em 2004



FONTE: Helder Sousa, 2004.

Os traços do matuto simples, foram adaptados e apesar de continuar na simplicidade, já tinha mudanças significativas. O casal de noivos, personagens diferenciados dos demais, usavam roupas brancas, já os “padrões” termo para quem veste roupas iguais e não dançam na

frente, tinham o retrato do tradicional, a roupa de tecido de chita, florido e sem brilho. Pode-se perceber também, que nem todos os padrões tinham tudo de igual, faltava algumas coisas, como chapéu, uma parte da roupa ou um enfeite, levando a crê que os planos não couberam no orçamento, todavia, uma outra explicação seria que essas pessoas de vestimentas diferentes fizessem uma espécie de teatro durante a apresentação, justificando sua aparência.

Entretanto, algo que sempre esteve presente foi a temática, a explicação dos artefatos que a quadrilha explorava naquele ano. Talvez, essa é a maior característica das quadrilhas, tanto tradicional quanto estilizada, pois é a motivação maior, é a explicação do que vão levar aos arraiares, tão importante quanto o enredo que uma escola de samba leva para a avenida, é o tema que dar indícios de como será, é o tema que deixa as pessoas curiosas para assistir, é pelo tema que os jurados julgam eficiente ou não. Ou seja, o tema está presente em todos os tipos de quadrilha, por sustentar a narrativa, já que sem temas seria apenas mais uma dança. E “o desafio principal dos grupos é desenvolver o conteúdo da dança sem romper a sua tradição” (Chianca, 2018, p. 135).

Nesse sentido, a tradição “é mantida por atores sociais dotados de uma constante mutabilidade. Sendo assim, a tradição não é realmente pura quando ela tem suas características cristalizadas sem que apresente nenhuma alteração com o passar do tempo” (Santos, 2012. p.6). O que nos aproxima e leva a usar o conceito de tradição “inventada” de acordo com o pensamento de Eric Hobsbawm, no livro *A Invenção das Tradições*. Nele, entende-se tradição por:

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (Hobsbawm, 2012, p. 8)

Isso implica, no fato de sempre o tema tentar resgatar coisas da região Nordeste, sempre encontrar figuras caricatas representando o matuto etc. Diferente do que Albernaz (2009) diz sobre tradição, que seria “um conjunto de significados, símbolos e sentidos configurados de uma dada maneira, resultado da negociação sobre o que deve permanecer ao longo do tempo e aquilo que deve ser esquecido” (Albernaz, 2009, p. 15), fazendo com que Hobsbawm seja mais preciso.

No caso de 2004, a temática da Maria Chiquinha foi “Mulher Rendeira”, que seria uma mulher que tinha como profissão fazer rendas, seja em almofadas, cobertor, pano de prato, todo

tipo de tecido. Era uma profissão linda e extremamente trabalhosa, poucas conseguiam, e “era um auxílio às despesas da casa e não uma determinante. Vendidas as rendas, o dinheiro servia para a roupa e os humildes adornos” (Cascardo, 1954, p. 777). Ou seja, a Maria Chiquinha levou ao seu Arraiá em 2004, uma homenagem às mulheres que faziam este serviço, compreendendo sua importante atividade, pela renda ser conhecida e sinal de riqueza nas roupas.

Desse modo, entende-se como um fenômeno que permanece no tempo através de sua prática, muito mais em decorrência da repetição. Logo, as mudanças contemporâneas não interferem na prática do movimento cultural enquanto tal, enquanto manifestação, enquanto símbolo e significado; apenas interferem em seus modos periféricos de realização, ou seja, no vestuário, no acrescentamento de ritmos musicais, dentre outros. (Silva e Ferreira, 2019, p. 81).

No ano seguinte, seguiu-se as mesmas credenciais do tema fazer alusão a coisas nordestinas, ou até mesmo estereótipos sobre o Nordeste, tanto que, a temática em 2005 foi “Na pobreza do sertão”. Ou seja, não havia nada mais caricato do que colocar o nordestino como personagem sem dinheiro, ou melhor, na miséria. Eric Hobsbawm (2012) explanou essa ideia, pois para ele, essas tradições usariam referências de passado, usando uma continuidade, uma repetição, e acima de tudo, seria isso artificial. Assim, pode-se dizer que essa temática, constituiria uma imagem do ser regional do Nordeste, contribuindo com o afinilamento desse estereótipo, apenas com o propósito de continuidade, ou melhor, ser a quadrilha destaque entre as demais.

Fica evidente que, esses aspectos temáticos trazidos aos anos atuais seriam totalmente retrógrados, porém na época, prevalecia uma ideia de que quem exaltasse mais coisas nordestinas, seja ela boa ou ruim, ganharia mais pontos com os jurados e assim segue a Maria Chiquinha por muitos anos. De fato, as pessoas da época não tinham acesso à tanta comunicação, ou melhor, conhecimento sobre problematização de certos assuntos.

Ao chegar o ano de 2006, a Maria Chiquinha já estava há dois anos disputando festivais e incorporando mudanças, e naquele não foi diferente. O tema da vez era “O rei do baião”, momento em que Hobsbawm (2012) ganha mais sentido ainda, pois para ele, a repetição é uma forma de implantar valores a alguma referência do passado, a quadrilha passa a homenagear uma figura nordestina e volta a usar as suas músicas, como característica da homenagem. Logo, as práticas “que tenha de ser muito repetida tenda, por conveniência e para maior eficiência, a gerar certo número de convenções e rotinas, formalidades de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume.” (Hobsbawm, 2012, p.9).

Figura 19- Dançarinos da Maria Chiquinha em 2006



FONTE: Helder Sousa, 2006.

Na imagem acima, podemos notar que as vestimentas masculinas mudaram de acordo com o tema, a presença do couro fazendo alusão ao rei do baião é notável. Aliás, as roupas ganham muito mais caracteres e enfeites, como na roupa feminina, muitas cores, muitos babados e muitas fitas, que riqueza nos detalhes. Enquanto isso, a roupa masculina incorporou algo que não era normal e nem se torna nos anos seguintes: o uso do couro. Tem-se chapéu de couro e recortes em couro, é nitidamente uma imitação de Luiz Gonzaga. Isso tudo, mostra o processo de estilização acontecendo, os temas gerando até mesmo as roupas, nessa ótica surgida de homenagens as figuras nordestinas.

Assim, mesmo ciente de que as “tradições juninas” são ritualizadas para servir a própria legitimação, é possível considerar que o contato social é também um grande agente modificador dos grupos culturais, visto que é visto como inovador e envolve tudo o que se encontra na sociedade. Por esse ponto de vista, o evolucionismo fica inerente em qualquer situação, até pela necessidade de interação entre as comunidades pertencentes à sociedade. Com isso, acompanhar as mudanças contemporâneas é uma questão de inclusão que se baseia em duas possibilidades: ou muda ou se isola. (Silva e Ferreira, 2019, p. 82).

Indubitavelmente, a citação anterior dos autores Daniel Silva e Stael Ferreira, é certa, sobre o fator “ou muda ou se isola”, de maneira que, o que surgia a partir desses contatos com outras quadrilhas e vivenciais sociais dos grupos “é apenas uma ressignificação de símbolos e elementos, do tradicional para o contemporâneo.” (Santos, 2017, p. 24). E, é a partir dessa

aprimoração das coisas contemporâneas, que a Maria Chiquinha em 2007, troca o material da sua roupa, conforme observamos na imagem abaixo:

Figura 20- Quadrilha Maria Chiquinha em 2007



FONTE: Helder Sousa, 2007.

Como notório, as vestimentas passam a ter o tecido cetim, que é mais caro, mais delicado e mais brilhoso. As roupas apesar de permanecer com babados de tecido simples, a presença do tecido novo chama mais atenção. Aliás, outra coisa que chama atenção é o surgimento do casal “Lampião e Maria Bonita” de roupa marrom e chapéu de couro, mostrando que, a Maria Chiquinha trouxe um novo artefato além dos padrões. O tema daquele ano foi “O trem da Maria Chiquinha” e do ano seguinte, e, 2008 foi “No reino da Vaquejada”.

Esses dois anos, citados aqui juntos não foi à toa. Percebe-se neles uma maior influência das bandas de forró, e além de novas músicas, surgem também passos. “Vamos fazer o trem” era uma inovação, quando todos os casais faziam uma fila e após ir para um lado e o outro, pulavam e abaixavam, no meio. Pode ainda explicar que, a banda Mastruz com Leite é a responsável maior pelo repertório, por ter músicas falando de trem do forró e vaquejada.

Abaixo segue trecho da letra da música “Trem do Forró” de Mastruz com Leite disponível no site Letras, usada na coreografia e a imagem do ano que falaram de vaquejada.

[...] É noite de São João, de São Pedro e Santo Antônio
 Nem que acabe em matrimônio, vou cair nesse forró
 Recife a mais de cem, Caruaru tem também
 Bom mesmo é no trem, pra gente arrochar o nó
 Chap, chap, chap, chap
 Lá vem o trem do forró
 Chap, chap, chap, chap, chap
 Não tem folia melhor
 (Mastruz com Leite, 2005)

Figura 21- Quadrilha Junina Maria Chiquinha em 2008



FONTE: Helder Sousa, 2008.

O processo de evolução e de contemporaneidade agrega artificios na quadrilha, mas segue o planejamento de homenagem temática às coisas do nordeste, é como se fosse do Nordeste para o Nordeste e isso bastava, pois o brilho das roupas, os novos personagens, novas músicas e coreografias não alterava a tradição. Logo, “Houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins.” (Hobsbawm, 2012, p. 12).

Seguindo a afirmação de Hobsbawm, observamos que no ano de 2009 o grupo dançou em homenagem ao “Xaxado”, que é uma “Dança exclusivamente masculina, originária do alto sertão de Pernambuco, divulgada até o interior da Bahia pelo cangaceiro Lampião (ver) e os

cabras do seu grupo.” (Cascardo, 1954, p.920). Levando assim, a imagem de Lampião e Maria Bonita com ênfase entre os casais padrões.

Seguindo esse parâmetro, o ano de 2010 foi sobre “10 anos de cultura e tradição”. Naquele ano a quadrilha Maria Chiquinha já despontava por estar em disputas, por estar entre as quadrilhas que recepcionavam os passageiros na rodoviária de Cajazeiras-PB, por danças nos arraiares escolares todos os anos, por marcar presença e ganhar prêmios em festivais no estado do Ceará. Ou seja, essa temática comemorativa escolhida, foi como uma homenagem da quadrilha para ela mesma, pelo trabalho que vinham fazendo, que lá em 2001, não se tinha noção das possibilidades.

Em síntese, esse tópico serve de guia, para observar os espaços culturais e a caminhada da junina Maria Chiquinha, a partir de 2004, ano em que começou a disputar campeonatos. Assim, percebemos que as mudanças foram sequenciais, sempre existindo, e então, foram evoluindo e essas evoluções foram mostradas seguindo as explanações de Hobsbawm sobre tradição e como ela pode ser vista nesses cenários, ficando evidente sua como sua perspectiva se coloca nessa cultura sertaneja.

3.3 A perpetuação de um grupo

Os próximos anos do recorte, que corresponde a 2011-2017, serão vistos nesse tópico considerando os maiores feitos da quadrilha, de maneira que, analisa aspectos não notórios da dança e seus propósitos. Quando o ambiente permite ou gera espaço, acaba surgindo maneiras de contornar situações, saindo do “festival” com as rivalidades. O que se quer dizer, é que, nesse tempo, além das constantes e necessárias evoluções, estava no mesmo caminho, o surgimento da rivalidade junina.

Percebe-se na cidade de Cachoeira dos Índios que os anos de 2011 a 2017, corresponde os anos das juninas, todas queriam disputar, todas queriam sair na frente. E como a Maria Chiquinha tinha comemorado seus 10 anos, ela era a imagem que todos queriam igualar, ou superar. Tanto que, as quadrilhas resgatadas no primeiro capítulo, estavam presentes nesse recorte temporal, a Arraia do Aguiar, aa Fogo na Boneca e etc. E, Hélder Sousa ao ser questionado sobre haver influência da Maria Chiquinha sobre o surgimento de outras juninas pensa:

Sim... Sim, porque assim... Uma coisa que eu observei ao longo dos anos, é que sempre quando tem uma quadrilha no município, parece que ela incentiva a outros grupos se formar. Você vê que tem uma certa rivalidade [...] porque tinha quadrilha em Fazenda Velha, tinha quadrilha no Centro. Mas essas quadrilhas não tinham uma consistência de forma esse ano, um ano de novo, três, quatro, cinco. Formava um ano, no outro ano já não tinha componente pra formar, o organizador já não ia mais. E acabava por se desfazer. Mas eu acho que a Maria Chiquinha, por ela ter continuado, de 2001 até ao longo desses anos, pelo menos até 2014 quando eu fiquei, inúmeros grupos apareceram, foram incentivados. (Sousa. Entrevista concedida no dia 28 de fevereiro de 2024).

Essa explanação, acaba por mostrar a superioridade da quadrilha, num bom sentido, de induzir as temporárias a tentarem permanecer por mais tempo no cenário da dança. Aliás, mesmo que muitos não gostassem, como Girlene Alves, outra entrevistada diz “Sim, incentivou e também a questão da rivalidade, a competição que tem... Eu nunca gostei dessa parte, mas felizmente tem” (Alves. Entrevista concedida no dia 29 de fevereiro de 2024) era algo natural do contexto. Perceba que em sua fala, ela lamenta ter, ao mesmo instante em que mostra que é normal.

Nesse ínterim, no ano de 2011 a Maria Chiquinha abraçou de uma vez por todas o brilho do cetim, e mesmo que a temática “De volta as Origens” projetasse uma homenagem ao matuto, cabendo aqui as mesmas explicações postas anteriormente de Hobsbawm, as disputas aumentaram e a rivalidade surgida era grande. Então, não havia como voltar ao passado, a estilização chegou e ficou de vez, pois somente assim era possível vencer os campeonatos.

Perceba na foto abaixo que, além das roupas brilhosas, utilizam-se artefatos para voltar “as origens”. Observamos placas exaltando coisas do Nordeste como o folclore comidas típicas, cordéis, festas populares, belezas naturais e outras que a foto não permite visualizar. Ou seja, além das roupas coloridas, brilhosa e com diferenciação dos casais personagens, a Maria Chiquinha disputava campeonatos com placas de exaltação. Era uma novidade.

Figura 22- Quadrilha Maria Chiquinha 2011



FONTE: Helder Sousa, 2011.

Outra característica de mudança que pode ter ocorrido pelo regulamento dos campeonatos ou até mesmo o contato com quadrilhas de outro estado foi o aparecimento de outro personagem, a rainha. Anteriormente já havíamos mostrado o casal Lampião e Maria bonita, agora tem-se o Rei e a Rainha.

Figura 23- Rainha, Noiva e Maria Bonita da Maria Chiquinha.



FONTE: Helder Sousa, 2012.

Os personagens mais disputados pelas mulheres, a rainha, a noiva e a cangaceira. O tema de 2012, foi “O Cordel da Maria Chiquinha”. Perceba mais uma vez a temática nordestina, exaltando além do cordel, o próprio nome da quadrilha. É uma artimanha que pode ser notada nos anos seguintes, os temas mais autoexplicativos, que chama mais atenção. Podemos dizer que é o aperfeiçoamento de uma estilização para as disputas.

A consequência deste processo evolutivo das quadrilhas juninas e da competitividade gerada está desembocando na exaltação do fator "concorrência" à categoria de objeto maior do trabalho dos grupos. O nível de competitividade que caracteriza hoje os festivais de quadrilha por um lado é o elemento fundamental que está fazendo as quadrilhas perderem muitas de suas qualidades de autenticidade, mas por outro lado se configura como o grande fator motivador da permanência da manifestação e de seu engrandecimento (Rocha, 1995, p. 15).

Dessa maneira, ficava nítido que trazer algo novo faria com que a junina despontasse das demais, superando a rivalidade. As outras continuavam ali fazendo o seu trabalho e também passando pelo processo de transformação. Pois, “[t]anto a perenidade de um grupo quanto sua presença nos concursos e festivais está diretamente condicionada à sua capacidade de articular e gerir esses recursos materiais e simbólicos” (Chianca, 2018, p.130). A Maria Chiquinha soube articular sua trajetória, tanto que em 2013, com o tema “Lampião” mais uma vez o cangaço esteve presente, só que diferentemente de apenas um casal, toda a junina era um bando de cangaceiros, até mesmo os noivos, todos portando facões e armas.

Figura 24- Quadrilha Maria Chiquinha 2013



FONTE: Helder Sousa, 2013.

Os esforços feitos pelo grupo demonstram a perpetuação dele, pois no ano seguinte, a Maria Chiquinha participou das eliminatórias intitulada “Etapa Sertão de Quadrilhas”, uma qualificação que selecionava as melhores para ir se apresentar no Parque do Povo, em Campina Grande-PB. Mostrando que, ainda havia o que alcançar e o que mostrar. Então, o tema dessa primeira Etapa foi “As Estrelas do São João”. Perceba a diferença de temática e como foi algo mais sofisticado. Embora as circunstâncias ainda se volta ao tradicional, agora havia um maior desenvolvimento desses aspectos.

Figura 25- Quadrilha Maria Chiquinha 2014



FONTE: Tony Albuquerque, 2014

O ano de 2014, representou um grande crescimento para o grupo, fixou-se as mesmas pessoas, jovens e adultos, surgiu muita gente interessada em dançar também. O interesse maior era a possibilidade de ir até Campina Grande, mas naquele ano não ocorreu. Chegou a acontecer no ano seguinte, por um motivo que chamou muita atenção dos jurados: Teatro das sombras.

Figura 26- Quadrilha Maria Chiquinha 2015



FONTE: Tony Albuquerque, 2015.

A imagem acima foi registrada exatamente em Campina Grande, lugar onde queriam chegar. O tema foi “15 anos da MC, O Baile da Debutante”. Era algo totalmente diferente dos anos passados e a mais nova característica foi levar aos arraiares um teatro das sombras, no qual exemplificava os temas de todos os outros anos, era inovador. Bem como, no ano seguinte que na temática “Retalhos da Vida no São João”, fez-se uma mistura de tecidos, homenageando os “retalhos” pregados nas roupas antigamente.

Figura 27- Quadrilha Maria Chiquinha 2016



FONTE: Tony Albuquerque, 2016.

Por último e mais importante, chega o ano de 2017, último ano do recorte temporal dessa pesquisa. A escolha é simples, a estilização aos moldes sertanejos, a Etapa Sertão, maior

evento das quadrilhas aconteceu na cidade de Cachoeira dos Índios. Era em casa, a quadrilha era vista como a maior e claro, a favorita por já ter estado nesse patamar de ir ao São João de Campina. Segundo a entrevistada Girlene Alves, ao ser questionada se mexeu com os quadrilheiros o ano de 2017 “Mexeu... Inclusive, a gente nem dormia. Noites acordadas, se preparando [...]” (Alves. Entrevista concedida no dia 29 de fevereiro de 2024).

Figura 28- Quadrilha Maria Chiquinha 2017



FONTE: Tony Albuquerque, 2017.

Diferente do que se esperava, a Quadrilha não conseguiu o acesso, sendo uma decepção naquele instante, mas após o evento foi superado. O tema foi “A flor e o beija flor”. Era o ano que não faltava nada, tinha tudo do melhor e mais atual, e que apesar de não ter conseguido a Etapa Sertão, foi o ano em que a quadrilha mais conseguiu troféus. Para o entrevistado Albuquerque:

Eu não gosto nem de comentar a etapa sertão de Cachoeira dos Índios! Porque foi um ano muito assim... foi difícil para a gente porque a gente deu sangue, deu massa trabalhando isso, tiramos de onde não tinha. A etapa sertão que teve aqui foi bonita, mas por causa de um décimo a gente não se classificou entre as três [...] Só para você ter noção, que Maria Chiquinha veio com tudo em 2017, infelizmente na etapa sertão não deu certo, mas sete festival que a gente participou, a gente foi campeão dos sete, em todas as cidades da região. Dos sete festival que a gente participou, a gente arranhou todos os troféus, até os troféus individuais que eram Rainha, Noivo e Rainha, Noivo e Noiva, Rainha e Rei e Marcador, e Quadrilha. Teve cidade que aconteceu isso, a gente arranhou todos os troféus, sete vezes campeão nesse ano de 2017! Porque a etapa sertão era na nossa cidade, a gente gastou mais de 53 mil reais, nós passamos o ano de 2017 até 2018 pagando contas, tá entendendo? Tirando de onde não tinha, até do nosso próprio bolso [...] (Albuquerque. Entrevista concedida no dia 28 de fevereiro de 2024).

Notamos a decepção na fala, pelos gastos, o cuidado e a importância do evento. Percebemos que era o ano perfeito, o auge atingido, mas que não terminou tudo como esperado.

Portanto, notamos que a trajetória cultural da Maria Chiquinha, enquanto grupo de dançar quadrilha na cidade, perdurou-se por mais tempo devido sua organização se adaptar perante o que se pedia ou se tinha. Assim, foram os anos de novas roupas, novos personagens e novas experiências, pois sem ela a junina permaneceria numa constante, que não pudesse atribuir tanto para a cultura local, diante os acontecimentos da contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo assunto aqui exposto, conhecemos a cidade de Cachoeira dos Índios e seus patrimônios, observamos como a cultura de dançar quadrilha chegou na cidade, seus espaços de sociabilidade, como formaram-se grupos de jovens dançantes. Além disso, nos aproximamos da realidade da quadrilha junina Maria Chiquinha, como se iniciou, como foi gerenciada e como foi modificada no decorrer dos anos 2004 e 2017.

Percebemos que Cachoeira dos Índios, uma cidade pequena do interior da Paraíba, foi bem representada pela quadrilha Maria Chiquinha em festivais nas cidades circunvizinhas e até mesmo em outros estados, como o Ceará. Das observações, notou-se que o maior objetivo foi a quadrilha chegar à cidade de Campina Grande, no maior São João do mundo, estar entre as mais bem vistas e ser reconhecida como um dos maiores potenciais dessa cultura. Pelas imagens, notamos além das mudanças, a quantidade de integrantes, as temáticas direcionadas as roupas, as premiações, troféus e títulos.

Podemos notar que a História Oral, tendo as entrevistas como fonte, permitiram chegar ao objetivo central dessa pesquisa, de investigar como e por que houve a estilização da quadrilha junina Maria Chiquinha, observando as questões representativas sobre esse patrimônio cultural.

Verificamos que a estilização é parte das quadrilhas modernas para disputar campeonatos. Além disso, não há como falar de certeza quando a estilização aconteceu, porém, duas coisas são notórias na Maria Chiquinha, o contato com quadrilhas de outras regiões e as disputas, essas características trouxeram a necessidade de mudança. Posso ainda ressaltar, em virtude do que foi visto, que a estilização não tem estágio final, vai estar sempre sujeita a trazer novas transformações, tudo vai depender do que almeja a junina, seja um festival específico, seja a rivalidade ou outro objetivo, como tinha a Maria Chiquinha em 2017, ganhar a Etapa Sertão em casa (Cachoeira dos Índios), campeonato que levaria a junina até Campina Grande.

Através das entrevistas, também foi possível entender o sentimento dos entrevistados ao falar da quadrilha e o que representava para eles. A Maria Chiquinha que foi das mudanças na roupa da chita ao cetim, dos passos, das músicas, constitui um patrimônio na cidade que merece o reconhecimento e a devida valorização.

Vale salientar, a importância acadêmica e social que tem trabalhos no âmbito da História Oral, resgatando o íntimo das culturas e as tradições, como essa pesquisa objetivou fazer. Além do mais, são através desses exercícios que potencializamos o reconhecimento dos patrimônios, instigando não somente sua valorização, como a necessidade de preservar, de ter uma educação que vise e reconheça seus bens, prezando por sua existência e durabilidade.

Portanto, concluindo os objetivos previstos da pesquisa, percebemos que estamos longe de dar por encerrada essa discussão, em virtude da sua importância acadêmica e social de implementar na sociedade através da educação patrimonial, a preservação de culturas como a de dançar quadrilha. Além disso, a temática de estilização compreendida, instiga muitas outras possibilidades de pesquisas. Focamos espacialmente numa pequena parcela da sociedade de Cachoeira dos Índios praticantes dessa dança, de modo que, ampliar este recorte significa dar espaço e visibilidade para outras tradições e culturas, seja na mesma cidade ou em outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

SOUSA, Hélder. **Entrevista I**. Entrevistador: Vitória Maria Pereira Silva. Cachoeira dos Índios, 28 de fevereiro de 2024.

ALBUQUERQUE, Tony. **Entrevista II**. Entrevistador: Vitória Maria pereira Silva. Cachoeira dos Índios, 28 de fevereiro de 2024.

ALVES, Girlene. **Entrevista III**. Entrevistador: Vitória Maria Pereira Silva. Cachoeira dos Índios, 29 de fevereiro de 2024.

FONTES SECUNDÁRIAS

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. Prefácio. In: **O balancê no arraial da capital: quadrilha e tradição no São João do Recife**, Recife, 2009.

ARAÚJO, Ranielton Dantas de. **“O mistério da imagem”: sonho, fé e medo na formação de um imaginário em torno do Padre Cícero (Cachoeira dos Índios - PB)**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

BEZERRA, Joseneide da Silva. Emancipações Distritais na Paraíba: imbricações entre relações familiares e poder local. **Encontro Nacional de História Política**, Fortaleza, ed. 2, 2017.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Ediouro, 1954. 934 p. ISBN 8500800070.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa**. Sociedade e Cultura, v. 10, n. 1, 2007.

CHIANCA, Luciana. QUADRILHA JUNINA E CIDADE, MERCADO E BELEZA DA OBRA. **Revista Mundaú**, Alagoas, ed. 5, p. 126-141, 2018.

DANTAS, Djalma Luiz do Nascimento. Boa Fé: A experiência do Ensino de História vivenciado para a descoberta do 1º Sítio Arqueológico Tupi no município de Cachoeira dos Índios-PB. **SERTÃO HISTÓRIA: Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente – NEHSA**, Universidade Federal do Ceará - UFC, ano 2023, v. 2, ed. 4, p. 292-309, 26 jul. 2023.

DANTAS, Djalma Luiz do Nascimento. **AKANGATU, o levante da memória: ensino de história e letramento patrimonial em Cachoeira dos Índios-PB**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Universidade Regional do Cariri-URCA, 2024.

DANTAS, Djalma Luiz do Nascimento; SANTOS, Cícero Joaquim dos. **Inventário Juvenil do Patrimônio Cachoeirense**. Cachoeira dos Índios: Prefeitura Municipal de Cachoeira dos Índios, 2024.

DANTAS, Djalma Luiz do Nascimento; SANTOS, Joaquim dos. Ensino de história e natureza: vivências históricas no Serrote do Coati, em Cachoeira dos Índios – PB. **REVISTA CADERNO PEDAGÓGICO**, v. 21, n. 1, p. 1639-1661, 13 abr. 2024.

FERREIRA, Eliane Cândido de Oliveira; SANTANA, Jacinta Moreira. **Cachoeira dos Índios - PB, uma cidade as margens do desenvolvimento e da degradação ambiental**. Monografia (Especialização em Gestão Ambiental) - Universidade Federal de Campina Grande, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

HOBBSAWM, Eric. **A Invenção das Tradições**. 14. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2012.

IBGE, **Cidades e Estados- Cachoeira dos Índios**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/cachoeira-dos-indios.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.

LEMOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MENEZES, Hugo. Música e Festa na Perspectiva das Quadrilhas Juninas de Recife. **ANTHROPOLÓGICAS**, 2015.

ORTIZ, Renato. Cultura e Desenvolvimento. **Políticas Culturais em Revista**, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL (Cachoeira dos Índios). Área Cultural. *In: Quantidade de Artistas por Categoria*. 23.9.29. 2023. Disponível em: <https://www.cachoeiradosindios.pb.gov.br/cultura.php>. Acesso em: 29 jan. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL (Cachoeira dos Índios). Dados do Município: Origem. *In: SOUSA, Maria de Fátima de. Origem Histórica de Cachoeira dos Índios*. 23.9.29. 2023. Disponível em: <https://www.cachoeiradosindios.pb.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 29 jan. 2024.

ROCHA, Henrique. **Tradição e modernidade nas quadrilhas juninas em Fortaleza**. Monografia de Graduação (Comunicação Social) - Universidade Federal do Ceará, 1995.

SANTOS, Eliseu Ramos dos. A cultura popular e as quadrilhas juninas. **Revista Desenredos**, Piauí, 2012.

SANTOS, Luiz Atila dos. **Quadrilha junina e políticas culturais: aspectos históricos e simbólicos para a manutenção de uma manifestação cultural brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso (Produção e Política Cultural) - Universidade Federal do Pampa, 2017.

SILVA, Daniel da Rocha; FERREIRA, Stael Moura da Paixão. QUADRILHA JUNINA: REFLEXÕES ENTRE O TRADICIONAL E O HÍBRIDO. **REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA**, v. 16, n. 1, p. 77-90, 2019.

SOARES, Vitória Lourdes Barbosa de Farias; ENDRES, Ana Valéria; CAMILO, Janaína Valéria Pinto. A QUADRILHA JUNINA SANFONA DE OURO E SUA INFLUÊNCIA PARA A DINAMIZAÇÃO CULTURAL E O TURISMO DE EVENTOS EM JACARAÚ-PB. *In: TEC: Turismo, Eventos e Cultura: Olhares contemporâneos sobre Eventos em Turismo*, João Pessoa, 2023.

SOUSA, Hélder Dantas de. **A QUADRILHA MARIA CHIQUINHA E AS TRANSFORMAÇÕES NAS QUADRILHAS JUNINAS NA CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB: DA CULTURA TRADICIONAL AO ESTILIZADO**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

ANEXOS

ENTREVISTAS TRANSCRITAS

ENTREVISTA COM HÉLDER DANTAS DE SOUSA.

Realizada no dia 28/02/2024

Entrevistador: Primeiro, quando, como e por que começou a participar da Junina Maris Chiquinha?

Hélder: Eu comecei a participar da Maria Chiquinha no ano de 2000, 2001. Porque eu gostava muito de dançar quadrilha. A gente já participava em outro bairro, o bairro matador. Havia quadrilhas que se formavam e no ano seguinte formaram outra quadrilha, sempre com um nome novo. Nunca a quadrilha tinha continuidade. E nessa vez houve a junção de alguns componentes lá do bairro matador com alguns do centro da cidade, que aí veio a formar a Maris Chiquinha em 2001. E de início eu entrei como noivo. A gente começou a ensaiar, ensaiar. Eu era o noivo e houve uma única apresentação. Eu como noivo e uma outra pessoa era o marcador da quadrilha. E por acontecer erros na apresentação, durante a apresentação, o marcador caiu fora, que era o Carleuço, caiu fora “nós ensaiamos, ensaiamos, ensaiamos para chegar no dia e eles ainda erraram e passaram.” Ele caiu fora. E aí ficou aquela questão, a quadrilha se acaba, que era pleno mês de junho já. Acaba, “quem vai, quem não vai”. E acabaram me elegendo mesmo contra a minha vontade. Não, vai ficar você como marcador e a gente bota o Tony como noivo. E assim foi. Daí por diante eu fui um ano, segundo ano eu organizei o mesmo, terceiro e assim foi.

Entrevistador: Como era a produção em si? Vocês juntavam para comprar roupa?

Hélder: A produção era da seguinte forma. No início, acho que pelo menos três primeiros anos, basicamente, cada um era responsável pela sua roupa. Muitas vezes o vestido era emprestado, das meninas, a camisa, quem tinha uma condição de fazer, comprava o tecido e fazia, quem não tinha, pegava emprestado de outra pessoa de outros anos anteriores e fazia. À medida que a gente foi se organizando cada vez mais, acho que mais ou menos em 2004, eu posso dizer, se eu não estiver enganado, a gente começou a organizar rifas, para que cada participante vendesse uma quantia X de rifas, para aquele dinheiro ser comprado em um pedaço de tecido e fazer sua

camisa. E a dama era mais complicada, ela vendia aquilo ali também, mas aí a gente pediu ajuda à prefeitura, para ver se ganhava o restante para fazer o das meninas.

Entrevistador: O que seria junina tradicional e junina estilizada? Você consegue enxergar essa transição nesse período que você participou?

Hélder: Então, a quadrilha junina é uma produção dos viventes da época, daquela época. Então, eu tenho certeza que antes da gente era mais diferente ainda. Apesar de a gente saber que quem trabalha com a quadrilha tradicional, ela segue uma linha meio que, vamos dizer assim, estereotipada, do matuto, o matuto da roça, como é que eu digo, exagerado. Então, pega aquela calça, bota mais remédio do que o que teria na verdade, chapéuzão de palha, alguns adereços, uma flor, um paletol xadrez, uma camisa xadrez. Então, a quadrilha tradicional, ela segue essa linha de deixar mais caricato... Já o estilizado, ele vem buscando aí, se reformulando sempre, ele ainda está numa constante transformação, que vem mais organizado, buscando mais essa questão das roupas padronizadas, com mais brilho, com mais glamour. E isso, a Maria Chiquinha, ela veio acontecendo, sabe? Não é que ela aconteceu de forma... É, foi uma progressão. Então, tipo assim, houve um ano em que a gente decidiu colocar saias de armação nos vestidos das meninas. Isso já é uma estilização. Foi em 2005, 2004, quando a gente começou a fazer os vestidos padronizados, a gente começou, tentou colocar uma saia de armação que era com um arame, era uma saia de agudãozinho, se eu me engano, tecido cru, com um arame, que não deu muito certo. Em 2005, a gente já fez aquelas que é usado hoje, que é de tully, E aí, a gente foi mudando a questão do arranjo das meninas. Aí, em 2008, 2007, a gente começou a usar alguns bordados, com uma lantejola, algo que foi sendo modificado no decorrer dos anos.

Entrevistador: Mas estilização não é só isso, né? Se a gente for pra pensar, tem música, passo...

Hélder: Sim, sim, sim. É isso que eu estou dizendo. Não é que cada ano aconteça uma coisa, né?... Aconteceu diversas coisas. Por exemplo, dentro da Maria Chiquinha, eu sempre buscava trazer alguma novidade que não permanecesse na quadrilha só tradicional. Por exemplo, houve um ano, em 2006, que a gente homenageou Luiz Gonzaga. Então, eu peguei algumas músicas de Luiz Gonzaga e transformei em coreografia. A quadrilha tradicional não tem coreografia, ela tem passos de marcação. Ela não chega a fazer uma coreografia específica em cima de uma música. A gente fazia os passos tradicionais, anarrie, anavantur, o túnel, a grande roda, parafuso.

E essa estilização foi acontecendo. A partir do momento que a gente começou a se organizar pra fazer o figurino, ela foi agregando alguma coisinha relacionada a essa estilização que veio a ser o que é hoje. Que, em partes, foi influenciada pela participação em lugares fora que a gente foi observando.

Entrevistador: Pronto, era isso que eu ia perguntar. Por que a estilização aconteceu ao seu ver?

Hélder: Então, a partir do momento que a gente começou, que a quadrilha estava bem, bem... Tinha um alicerce, estava fortificada, né? Porque todo ano saia duas, três pessoas só permanecia o mesmo grupão da Maria Chiquinha. Então, essas pessoas que entraram vinham para agregar e o grupo se fortalecendo. Então, à medida que o grupo estava bem fortalecido, a gente começou a participar de festivais. Então, tipo Xamegão, né? Outros festivais aqui, como na própria cidade, como lá em Mazinho Monteiro, que vinha muita quadrilha do Ceará. Lá no Ceará, as quadrilhas que vinham já estavam adiante da gente. Então, havia a necessidade de a gente querer fazer essas mudanças para também ficar igual, para brigar com as outras quadrilhas no mesmo nível. Brigar na dança.

Entrevistador: Então, você acredita que a estilização aconteceu e um dos motivos mais fortes é a questão das disputas, né?

Hélder: Isso. As disputas. Porque para você participar dos festivais, você tem que estar dentro do que é exigido. Então, assim, nós não tínhamos, por exemplo, uma rainha. A gente sempre teve o casal de noivo, que era o casal destaque. O resto era tudo componente tradicional. Então, você chegava a um festival e dizia: é obrigatório ter uma rainha. E a rainha, ela tinha que ter uma roupa diferente, ela tinha que ter um momento dela. E aí a gente teve que se adequar a isso. Então, mais uma coisa, no caso, imposta pelo festival. Não foi escolhido assim por a gente.

Entrevistador: Então, esses casais específicos, por exemplo, Lampião e Maria Bonito, Rei e Rainha, foi adentrando na quadrilha conforme o tempo também, né?

Hélder: Também. Isso. Não havia. Não havia

Entrevistador: Aí, deixa eu perguntar. A Maria Chiquinha sofreu esse processo de estilização. É considerada a maior de cachoeira dos índios, pela questão do tempo, ou não, outros aspectos.

Só que, nesse período, também surgiram outras quadrilhas já estilizadas. Você acha que a Maria Chiquinha abriu portas pra surgir essas outras quadrilhas?

Hélder: Sim. Sim, porque assim, uma coisa que eu observei ao longo dos anos, é que sempre quando tem uma quadrilha no município, parece que ela incentiva a outros grupos de formar. Você vê que tem uma certa rivalidade. Isso não é de agora. Quando a Maria Chiquinha se formou, a Linda Rosa já existia no município. A Linda Rosa, de certa forma, também incentivou o surgimento dessas quadrilhas que surgiram nos bairros. Porque tinha quadrilha em Fazenda Velha, tinha quadrilha no centro. Mas essas quadrilhas não tinham uma consistência de forma esse ano, um ano de novo, três, quatro, cinco. Formava um ano, no outro ano já não tinha componente pra formar, o organizador já não ia mais. E acabava por se desfazer. Mas eu acho que a Maria Chiquinha, por ela ter continuado, de 2001 até ao longo desses anos, pelo menos até 2014 quando eu fiquei, inúmeros grupos apareceram, foram incentivados. Inclusive tinha grupo que vinha até mim pedir a roupa emprestada do ano anterior. E a gente ajudava, a gente emprestava. Às vezes alugava, mas a grande maioria era emprestada. E aí parando pra pensar, não só as exigências de um festival acelerou o processo de estilização, mas também a rivalidade, se a gente parar pra pensar, incentivava as pessoas correrem mais atrás e o próprio processo de evolução tecnológica também fez com que houvesse essa evolução das quadrilhas. Porque quando a gente estava lá no início, a gente buscava um lugar que tivesse um computador na cidade e a gente pesquisava figurino de quadrilha junina e não tinha. Quando passava uma quadrilha num jornal nacional, numa coisa falando, a gente corria pra ver. As de Campinas Grandes e outros locais dados. Só que era tão rápido que não dava pra você copiar alguma coisa ou pegar. Então, à medida que foi evoluindo a chegada da internet também, isso favoreceu essa transformação. Não só o festival. Mas da gente poder olhar, observar, a quadrilha tá usando isso, eles estão usando isso aqui agora. Tá entendendo? Isso influenciou também. E a ida de quadrilhas pra fora também foi um incentivo mais ainda. Pra fora como Campina Grande, a partir do momento que começaram a ir pra Campinas Grandes, a própria Linda Rosa, se você for analisar, antes ela era de um jeito, ela foi pra João Pessoa, no ano seguinte ela já, sabe, deu uma mudada drástica na reformulação do figurino e tudo. E aí a gente, aqui não tinha ido ainda pra fora, mas quando a gente participou do xamegão, em 2005, a gente teve contato com quadrilhas do Ceará, a gente teve contato com quadrilhas de Sousa, que já estavam bem evoluídas, bem avançadas. E a gente viu que já tava vindo uma mudança, a gente começou também a seguir esse caminho.

Entrevistador: Pronto, agora só pra encerrar, você teve 14 anos à frente da Maria Chiquinha. O que ela significa pra você? O que ela representa nesse seu processo?

Hélder: Então, a Maria Chiquinha representa pra mim cultura, representa essa identidade cultural do município, que a gente sempre fala que a Cachoeira dos Índios é uma cidade, por mais pequena que seja, que tem muita quadrilha. Mas a Maria Chiquinha construiu uma identidade para o município, não só dela, mas que é do município, que tinha um jeito próprio de fazer, porque a gente nem era 100% estilizado, nem era 100% tradicional. A gente sempre gostava de mesclar, a gente tinha ano que a gente trazia a roupa...Resgatava. É, trazia o xadrez, trazia o florido, e fazia uma mescla com essas fitas de orada que eu uso agora, com coreografias, então, umas certas coisas, que era da identidade própria da Maria Chiquinha. Então, eu acho que a Maria Chiquinha representa toda uma identidade do município nesse contexto junino. Acho que ela é isso.

Entrevistador: E pra cultura na cidade, no geral, o que você acha que a Maria Chiquinha representa?

Então, eu acho que ela representa um pouco do exemplo do que jovens que gostam de quadrilha junina gostariam de ser ou de fazer, porque eu sempre me deparei com muitas, muitas pessoas, atrás de participar na Maria Chiquinha nesse processo, quando eu estava, que eu até dizia, se eu quiser montar duas quadrilhas agora eu monto, de tanta gente que queria participar. Então, e muitos pequenos também, muita gente de 10, 11, 12 anos, que eu não permitia, porque eu sempre gostava de trazer alguém já com 15 anos, que já tinha uma certa responsabilidade, a gente já orientava, se fosse de menor eu começava com os pais em relação a bebida, essas coisas e tal, quando saía pra fora também. Então, assim, os olhos meio que brilhavam dos adolescentes, das crianças que queriam participar, sempre fazer parte da Maria Chiquinha. Então, ela é meio que um exemplo. É, isso, isso, porque muitas pessoas que participavam de quadrilha de escola sonhavam no futuro em participar da Maria Chiquinha, e muitos chegaram até lá, né, que continuaram participando. Algumas pessoas, inclusive, também nunca participou de quadrilha e teve a oportunidade de participar pela primeira vez na Maria Chiquinha, e foi um sonho, porque muita gente quer participar e às vezes não teve a oportunidade, porque não tinha dinheiro pra fazer uma roupa, porque o pai não deixava a mãe, e aí na Maria Chiquinha encontrou esse espaço, sabe? Porque também a quadrilha estilizada aqui no município, elas não pegava todo

mundo, era gente que tinha que saber dançar. Não era só na Maria Chiquinha, não, na Maria Chiquinha quem quisesse bastava ter o compromisso já era aceito, o compromisso de participar.

Entrevistador: Pronto, é isso, Hélder, Obrigada!

ENTREVISTA COM TONY ALBUQUERQUE

Realizada no dia 28/02/2024

Entrevistador- Primeiro, quando, como e por que começou a participar da Junina Maria Chiquinha?

Tony- A quadrilha Maria Chiquinha de Cachoeira dos Índios, a gente começou através de um grupo de amigos, que do nada a gente decidiu brincar o São João, certo? “Vamos montar uma quadrilha com chita, xadrez, com roupa que qualquer um poderia conseguir na própria casa, ou nos vizinhos, ou na própria família.” E foi assim que começou, no bairro Matador, às 3h30 da tarde, no sol quente, como se diz, fim da meia-dia, a gente começou os ensaios. Aquele grupo de amigos de infância, entendeu? Resolvemos montar a quadrilha, o presidente era Zé Neto de Marizinha na época, e a gente tinha muita amizade através de futebol, aí assim a gente decidiu, através de amigos, montar a quadrilha Maria Chiquinha, só que o nome oficialmente a gente só escolheu depois.

Entrevistador- Aí, você lembra o ano?

Tony: O ano que começou a Maria Chiquinha foi em 2001, só que nossa primeira apresentação foi dia 2 de junho de 2001, e o nome surgiu através de uma locutora, Fran Araluis, que tinha uma rádio antigamente aqui, que era Cachoeira FM, a gente botou uma pesquisa lá, tinha dois nomes de Junina, o primeiro eu não lembro, esse aqui, o segundo era Maria Chiquinha, e o povo ligava pra votar, pra escolher o nome da Junina, e na época, quem ganhou foi Maria Chiquinha, aí ficou, pegou.

Entrevistador: Então você tá desde o início na Maria Chiquinha?

Tony: Desde o início, Paremos em 2020, 2021 por causa da pandemia, mas voltamos em 2022, e eu decidi parar sim, porque fui pai de novo, mas foi o único que fez parte dos 20 anos de Maria Chiquinha, foi o Tony Albuquerque.

Entrevistador: Deixa eu perguntar, você falou até dos tecidos, chita, xadrez e tal, e aí é nessa pergunta que eu quero encaixar essa: o que seria junina tradicional, porque esse aí era o tradicional, e o que seria a Junina estilizada, na sua opinião?

Tony: Pronto, aí a partir desse momento que junina teve que viajar, o presidente passou o cargo para Hélder Marreta, que eu considero como, não só um amigo, mas um irmão, que a gente convive até hoje, tem uma amizade muito bonita, a gente, e ele resolveu levar adiante o nome da Maria Chiquinha, certo? Era uma história tão bonita, e a cada dia que ia se passando as apresentações, a gente só dançava aqui, no São João das Escolas e dos Sítios, e ele começou a criar o próprio figurino, também xadrez, xita, porque ele gostava de desenhar, ele é um artista, todo mundo conhece a pessoa de Hélder Marreta, ele gostava de desenhar o próprio figurino, mas sempre era por lado do xadrez, xita, florido, ele escolhia, criava o desenho, cada um comprava o tecido, mandava confeccionar a sua roupa, e foi assim que começou, cada um produzia seus figurinos, depois de 2001, 2002, que foi qualquer roupa, entendeu?

Entrevistador: Então você acha que começou ali em 2003, 2004, que já foi nesse momento de transição,

E aí, você acha que mudou assim, porque surgiu a necessidade de levar a Maria Chiquinha para outras cidades, ou disputar?

Tony: A partir desse momento a Maria Chiquinha foi criando o nome, do nada, o povo foi começando a gostar, os próprios familiares dos componentes, via que o esforço de cada um pelo trabalho, que cada um fazia, como vender rifa, fazer bingo, botar barraca, para conseguir dinheiro, para confeccionar seus próprios figurinos. Foi aí onde a gente foi criando esse amor pelo São João e pela quadrilha, porque a cada ano que passava, tinha um tema a se trabalhar, um tema diferente, um tema bonito, e a gente viu que estava sempre dando certo. Depois a gente resolveu criar uma comissão organizadora para ajudar Hélder, e a cada ano foi aumentando mais ainda aquele gosto pela coisa, pela cultura, porque a gente representava muito bem. Foi aí a partir do momento que a gente viu que a gente podia sair para outras cidades, porque a gente começou a receber convites, para participar de festivais, apresentar em outras escolas das cidades vizinhas, que antigamente era só aqui, no São João Cristão, no São João do Estado e no São João Maria Cândido.

Entrevistador: Então, por que você acha que a estilização ocorreu? Você acredita que disputa com outras quadrilhas necessitava um aprimoramento, um melhoramento da roupa?

Tony: É o seguinte, Vitória, eu acredito que isso, porque tinha outra junina ainda na cidade, e era muito conhecida também na região como Linda Rosa, aí tinha A luar do Sertão do Redondo, e a cada ano a gente via que eles iam se aperfeiçoando e melhorando, a gente queria isso também para a gente, entendeu? Porque a gente via que eles vinham bonitos com figurino, eles vão fazer o nosso também, e aí a gente deu as mãos, que a gente sempre é muito unido, e a gente faz esse tipo de trabalho para confeccionar o próprio figurino, entendeu?... Pronto, estilização aconteceu a partir do momento que a gente começou a receber o convite da etapa Sertão de Quadrilhas. A gente, quando participou o primeiro ano em Sousa, a gente via os belíssimos trabalhos que estavam acontecendo dentro de outros grupos da cidade, da região, e a cada ano a Quadrilha Maria Chiquinha ia crescendo, do nada ia crescendo, a gente via que levava o público, contagiava o público com emoção, porque a gente fazia de tudo para levar essa emoção para o público, porque como a gente trabalhava cada ano um tema diferente relacionado à nossa cultura, o povo via gostando. E a partir do momento que a gente começou a receber a etapa Sertão de Quadrilhas, a gente precisa melhorar agora em que? Se o nosso figurino já está deixando a desejar um exemplo, vamos melhorar agora no figurino para partir para a estilização. Aí vinha também questão de estrutura, de iluminação, máquina de fumaça, máquina de papel, a gente via que a gente necessitava, por causa das outras quadrilha da região que estavam crescendo, a gente queria crescer também, e representar muito bem o trabalho, porque a gente costumava sempre dizer que a gente dançava por amor e levava o nome da nossa cidade, para toda a cidade da região, isso era muito gratificante.

Entrevistador: Porque é uma mudança extrema, né? Vocês dançavam só em escolas que você vai para um campeonato que existe regulamento, tem o tempo, eu quero dizer, tem isso, tem aquilo, não existe?

Tony: É verdade, existe. E a gente não queria ficar para trás, a gente queria sempre dar um passo à frente, né? E como o Hélder era muito ocupado até o ano 2014, ele ainda participou 14 anos com a gente como presidente marcador, e eu sempre contava em destaque, assim, de fazer parte da comissão, fazer parte como noivo, fui quatro vezes noivo da Maria Chiquinha, tem também o destaque de padrinho, de rei, essas coisas, a gente estava sempre participando, porque a gente via, através dos ensaios, os melhores, por exemplo, se destacava, e estava sempre ali na frente

dando seu melhor, e subiu o nome de destaque, e a gente estava sempre nesse ponto principal, né? Que é muito importante para a quadrilha, representar muito bem.

Entrevistador: Lembra quando foi que começou a etapa sertão para levar vocês até Campina Grande? Qual foi o ano?

Tony: Assim, a primeira etapa sertão que a gente chegou a participar foi em 2014. Foi justamente o último ano de Hélder, porque ele também era presidente do sindicato, ele era professor de educação, ele tinha outros a fazer, ele era muito ocupado, e ele chegou a passar para a gente, uma comissão, uma comissão que eu fiz com meus irmãos, eu, Tony, junto com o Franklin e o Max, montamos também, Raquel, a irmã dele, fez parte da comissão junto com o Jardel e Rafinha, e a gente montou uma comissão para levar adiante, para não deixar morrer a cultura. no ano seguinte, a gente trabalhou bastante junto com essa comissão e todo o grupo, e trocamos a chita pelo xadrez, e a chita pela roupa mais brilhosa. A gente, inclusive, trabalhando bastante, torneio, rifa, bingo, corremos atrás de patrocínio, cada um pagou um carnê, a mensalidade, e arrecadei muito dinheiro nessa época, em 2015, e se escrevemos novamente a quadrilha, para você ter noção, em 2014, a primeira vez que a gente participou, todo mundo gostava do nosso trabalho, entrava só as três principais, foi em Sousa, e a gente ficou em quarto por décimo a gente não ficou entre as três para ir para Campina Grande, e aquilo ali magoou a gente, por causa de décimo a gente disse, “não, vamos trabalhar melhor para o próximo ano, a gente conseguia essa vaga”, e foi o que a gente fez, começamos a trabalhar cedo, criamos um grupo muito bom, muitas pessoas, veio muitos caras novas para somar, e a gente, em 2015, consegui essa realização do grande sonho, que era chegar ao maior São João do mundo, em Campina Grande, e foi em 2015, que etapa sertão foi em Patos, a gente saiu em segundo lugar, com uma maior sertão da Paraíba, foi aí, uma das maiores conquistas da Maria Chiquinha. a segunda maior do sertão, isso foi muito bom para a Cachoeira, porque a gente chegou já gritando como se fosse um título para a gente, que é uma história de 15 anos, nunca ter chegado a participar do maior São João do mundo, e quando a gente foi, foi aquela realização do sonho, estar vendo aquele parque do povo lotado.

Entrevistador: E para encerrar, o que a Maria Chiquinha significa para você, o que ela representa na sua história de vida?

Tony: Eu costumo dizer que a Maria Chiquinha, para mim, é como se fosse minha segunda família, por causa de vários amigos que a gente considera, e até hoje considera como irmãos, ela tem alguns troféus, alguns símbolos das conquistas aqui na região, já em 2015 para 2022, essa galeria permanece lá em casa, eu tenho muito cuidado, eu, Zelo, tenho muito cuidado mesmo, inclusive quando amigos de fora, que chegam lá em casa, eu gosto sempre de apresentar aqui a história da Maria Chiquinha, mais de 70 troféus, mas quando eu olho ali, eu vejo uma história, de 2015 a 2022, porque chegamos a ser bicampeão na Aurora-Ceará, bicampeão em Ipaumirim, bicampeão em Baixio, bicampeão em Lavras da Mangabeira, bicampeão em... poxa, o Zé de Moranão, São Zé da Lagoa Tapada, isso foi muito gratificante, porque não só recebi o título, o troféu, porque tem um valor simbólico também em dinheiro, não era só o troféu de campeã, a quadrilha estava numa fase tão boa, tão bonita, que aonde a gente ia, a gente era campeã, e ainda recebi o título de melhor casal de noivo, melhor rainha, melhor casal de destaques, melhor marcador, foi um momento incrível, 2015, 2016, 2017, tá entendendo?

Entrevistador: Pelo que você fala é nítido que a partir de 2015 a quadrilha entrou no seu auge, porque foi a etapa sertão, conseguiu ir para Campina Grande, porém eu acho que vocês viveram uma coisa maior ainda que foi a etapa sertão aqui no ano de 2017, aqui na cidade, infelizmente vocês não foram selecionados, só que parando para observar foi um evento grandioso e que a estilização ali viveu o auge.

Tony- eu não gosto nem de comentar a etapa sertão de Cachoeira dos Índios, porque foi um ano muito, assim, foi difícil para a gente porque a gente deu sangue, deu massa trabalhando isso, tiramos a notinha, a etapa sertão que teve aqui foi bonita, mas por causa de um décimo a gente não se classificou entre as três, mas a gente não baixou a cabeça, a gente deu a volta por cima, a gente conseguiu o melhor de todos os troféus, o público estava com a gente no momento e ninguém concordava com aquele resultado, mas a gente não poderia fazer nada, porque na cabeça de jurado a gente não sabe nada, nós queríamos ficar entre as três novamente para representar a cidade que era em patos novamente, e não conseguimos por causa de um décimo, só que a gente não baixou a cabeça, só para você ter noção, que Maria Chiquinha veio com tudo em 2017, infelizmente na etapa sertão não deu certo, mas sete festival que a gente participou, a gente foi campeão dos sete, em todas as cidades da região, dos sete festival que a gente participou, a gente arranhou todos os troféus, até os troféus individuais que eram Rainha, Noivo e Rainha, Noivo e Noivo, Rainha é Rei e Marcador, e Quadrilha, teve cidade que aconteceu isso, a gente arranhou todos os troféus, sete vezes campeão nesse ano de 2017, porque a etapa

sertão era na nossa cidade, a gente gastou mais de 53 mil reais, nós passamos o ano de 2017 até 2018 pagando contas,tá entendendo?... Tirando de onde não tinha, até do nosso próprio bolso, os responsáveis foram eu e meus dois irmãos, eu me recordo que era uma roupa das que mais tinha brilho, glamour, assim, com banda ao vivo, era o auge da estilização. e só tinha duas quadrilhas, que era a nós e a Fazenda, aliás, Alegria por ser na nossa casa, a gente jura você, a gente não queria ser campeão, a gente queria ficar entre as três só para representar a nossa cidade, ficar feridozinho, mas uma vez no final parabéns, mas não conseguimos, mas dê uma volta por cima. Só para você ter noção, mês de junho e julho, só em final de semana, às vezes, pegava umas apresentações na sexta-feira, a gente pegava duas apresentações na sexta, duas no sábado, duas no domingo e a gente fez 23 apresentações nos dois meses, entendeu?... Na minha casa eu tenho a recordação, como eu te falei, dos troféus, de vários símbolos, ontem mesmo eu estava organizando o meu guarda-roupa e eu costumo olhar minhas coleções, até hoje, de 2008, no Reino da vaquejada, até hoje a gente tem as camisas, e eu acho também que sou único que tem essa coleção de camisas sou eu.

Entrevistador: Muito bem, é isso, obrigada!

ENTREVISTA COM GIRLENE ALVES

Realizada no dia 29/02/2024

Entrevistador: Quando, como e por que começou a participar da Junina Maria Chiquinha?

Girlene: Eu comecei a participar em 2008, porque eu sempre tive vontade de participar, que era um sonho meu, assim, de dançar quadrilha. E eu admirava, né, a quadrilha. E aí apareceu a oportunidade de um peneirão, que eu vim, na época eu vim, que fazia, ele fez esse peneirão pra pegar novos participantes, né, os componentes, né. Aí esse peneirão, ele passou uma coreografia, e essa coreografia a gente tem que pegar lá na hora, e aí ele viu o desenvolvimento, né. Aí, rapidinho eu peguei a coreografia, a gente fez, se divertiu e tal. Na outra semana eu já recebi um convite. Eu fiquei muito feliz, né, de entrar, fazer parte da quadrilha. Foi em 2008

Entrevistador: Você entrou na época em que a quadrilha se estilizava? Então, o que seria junina tradicional e junina estilizada?

Girlene: A junina tradicional seria as origens, né. Tipo, de como tudo começou, como uma brincadeira mesmo. E já estilizada não. Seria a parte de competir, de ir pra os arraiares, de

entrar, pra competir. E também colocar temas na quadrilha, pra você seguir, pra não ficar sempre a mesma coisa, né. Colocar temas, por exemplo, vaquejada, você seguir aquele tema.

Entrevistador: E aí, qual seriam os aspectos que mais chamaram a atenção de mudança, por exemplo, roupa, cabelo?

Girlene: É, a roupa. O cabelo, então, porque tipo, aquele que eu entrei era normal. E eu gostava assim. Eu não gosto muito dessa parte de...Esses penteado novo, Eu achava mais bonito antes, mais tradicional.

Sim, é claro que tem a estilização, eu também achava bonito as coreografias. Agora, colocou uns 100 pontos para o cabelo, e aí fica difícil até de se arrumar.

Entrevistador: Quando e por que a estilização aconteceu, ao seu ver?

Girlene: Eu acho que até 2014, ainda era mais tradicional. Então, eu acho que de 2015 até 2014 ainda era mais tradicional. A roupa era simples, era feita de roupa de chita, era feita aqui mesmo. A gente mesmo fazia e apregava os acessórios na roupa, mandava a costureira daqui mesmo. A partir de 2015 foi comprada a roupa, foi feita de outro local.

Entrevistador: Por que você acha que surgiu essa necessidade de mudar até o tecido?

Girlene: eu acho que por conta das competições, né, que muita gente queria competir, queria levar para longe, e aí havia essa necessidade de mudar por conta disso. Porque hoje em dia a tradição não está tão, assim, como antes. Quanto mais saía da cidade, via outras quadrilhas, surgia a necessidade. Sempre buscando novos temas, novas roupas, novos estilos, enfim...

Entrevistador: A Maria Chiquinha a gente considera como a maior por permanecer por mais tempo. E aí nesse período da Maria Chiquinha surgiu outras quadrilhas, só que já no sentido mais estilizado. Você acha que a Maria Chiquinha abriu portas ou incentivou outras quadrilhas a aparecerem?

Girlene: Sim, incentivou e também a questão da rivalidade, a competição que tem... Eu nunca gostei dessa parte, mas felizmente tem.

Entrevistador: Você falou que a questão de competições estimula a estilização. Então, o que foi a etapa sertão para a Maria Chiquinha?

Girlene: Foi um grande avanço para a Maria Chiquinha, porque foi na etapa sertão que eu acho que deu lugares para a gente mudar, para a gente procurar. Porque lá eles exigem, eles têm uma exigência de quantidade de pares, de apresentação individual, de noivos, de rainha, casal destaque. Então eles têm um olhar mais crítico nessa parte aí. E também a questão da roupa, eles buscam roupa mais bonita. E aí foi isso que foi incentivando o pessoal a mudar, a querer...

Entrevistador: É o auge da estilização?

Girlene: Exatamente. Quando a gente conseguiu passar na etapa sertão, foi em 2015, foi no ano que mudou tudo, mudou totalmente. Quando a gente conseguiu passar na etapa sertão, pronto, todo mundo começou a fazer de tudo para conseguir ir mais à frente.

Entrevistador: Em 2017, eu acredito que a etapa sertão aqui na cidade foi uma coisa que mexeu com o coração de todo mundo, né?

Girlene: Mexeu. Inclusive, a gente nem dormia. noite acordada, preparando a simbolização para a culpa.

E foi o ano que teve o bando, que não tinha antes. Eu participei do bando, foi muito bom. E aí foi uma decepção porque não foi o resultado que a gente esperava. Pelo menos para mim, eu fui para me divertir.

Eu participava porque eu gostava, não para competir. É lógico que dá aquele gás. Você queria competir, queria ganhar. Mas para mim não era o mais importante. O importante era estar dançando ali, se divertir, esquecer dos problemas. Acho que foi o maior ano da quadrinha. Acho que foi o maior. Foi o auge ali.

Apesar de não ter se classificado, foi o auge.

Entrevistador: O que a junina significa para você? O que ela significou nesse tempo que você dançou?

Girlene: Ela significou muita coisa. Para mim era como se fosse a família. Uma segunda família. Eu vivia para ensaiar. Então eu vivia ensaiando direto. Procurando, buscando música. Ficava escutando o tempo todo. Para mim, o maior hobby que eu tinha era dançar quadrilha.

Entrevistador: Qual a importância dela para a cultura da cidade?

Girlene: É muito importante porque eu acredito, que quando se fala, em Cachoeira, se fala em Maria Chiquinha. Acho que ao redor, Ceará, Lá em Sousa... Acho que todo canto conhece ou conheceu, acho que revolucionou a cidade, a cultura da cidade. A gente levou a história da Maria Chiquinha para muitos, muitos locais que ninguém conhecia. Ficou marcado. É uma história bastante bonita.

Entrevistador: Pronto, Girlene. Obrigada!



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **DA CHITA AO CETIM: O PROCESSO DE ESTILIZAÇÃO DA QUADRILHA JUNINA MARIA CHIQUINHA NA CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB (2004-2017)**, coordenado pela aluna Vitória Maria Pereira Silva, vinculada à Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, campus Cajazeiras - Paraíba.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral investigar quando e por que houve a estilização da quadrilha junina Maria Chiquinha, observando as questões representativas sobre esse patrimônio cultural, tendo como perspectiva de análise, além da dança, vestimentas, músicas e passos dessa cultura.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: sessões de gravação das entrevistas sobre a sua experiência e conhecimento da temática objeto desse estudo, que poderão ser realizadas no ambiente de sua escolha, visando conforto e melhores condições para o diálogo.

As entrevistas serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados de forma presencial. Caso não seja possível, a modalidade remota em plataformas como Google Meet, também será opção.

Em ambos os cenários as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados neste documento escrito. Além disso, suas falas serão transcritas em documento físico para composição da pesquisa, do qual será disponibilizado uma cópia para que o entrevistado tenha acesso ao conteúdo que será analisado e utilizado nesse estudo, tendo ainda total liberdade para desautorizar seu uso e se retirar da pesquisa.

Os riscos envolvidos com sua participação são: essa pesquisa apresenta riscos mínimos como desconforto, desconforto ou constrangimento do entrevistado com relação a alguma pergunta ou abordagem feita pelo entrevistador referente a uma determinada temática. Caso ocorra, a gravação será interrompida e a pergunta poderá ser reestruturada ou suspensa, dando ao



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

participante liberdade para requerer a suspensão da entrevista e/ou encerrar sua participação no estudo.

Os benefícios da pesquisa serão: principalmente, a importância das suas visões, opiniões e conhecimento que compõem as suas vivências, contribuindo para uma melhor compreensão da estilização cultural da Junina Maria Chiquinha. Sua participação é extremamente relevante para refletir e construir uma discussão a respeito de entender como e por que aconteceu, bem como os significados dessas ações para a história local.

A presente pesquisa ocupa um espaço de reflexão acadêmica sobre a cultura das quadrilhas juninas no sertão, visando observar esse patrimônio e suas representações, pois tem como principal objetivo investigar quando e por que houve a estilização da quadrilha junina Maria Chiquinha, observando as questões representativas sobre esse patrimônio cultural. Com isso, também contribui para entender aspectos em torno da história local.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome somente será identificado na pesquisa, caso aceite. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não agrida a integridade do voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Durante o período da pesquisa, o voluntário será acompanhado e contribuirá com a pesquisadora no sentido da construção dos dados a serem coletados, o acompanhamento será feito no local desejado pelo entrevistado. Destaca-se novamente que a participação do indivíduo na pesquisa é opcional e estará assegurado seu direito de desistir e se retirar do estudo a qualquer momento, se assim desejar.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.



Universidade Federal de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Vitória Maria Pereira Silva**.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Vitória Maria Pereira Silva
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande
Endereço Pessoal: Sítio Pitombeira, zona rural de Cachoeira dos Índios-PB.
Endereço Profissional:
Horário disponível: Segunda à Sexta, das 8h00 às 17h00
Telefone: (83) 99604-2729
Email: victoria.pereira@estudante.ufcg.edu.br

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras - PB 26 de junho de 2024

Helder Dantas de Sousa

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

Vitória Maria Pereira Silva

Nome e assinatura do responsável pelo estudo

Cartório do Registro Civil dos Pessoas Naturais
 Reconheço por Autenticidade a firma indicada de
 VITÓRIA MARIA PEREIRA SILVA
 que compareceu a este Cartório em 26 de junho de 2024, às 17h00, em Cachoeira dos Índios, PB, para reconhecer a assinatura de VITÓRIA MARIA PEREIRA SILVA.
 Em L.: R\$ 7,00 Taxa: R\$ 0,00 Total: R\$ 7,00
 Válido somente para o selo 2801E-190E
 Consulte em <https://selodigital.tjpb.org.br>

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL
Autenticado
26/06/2024



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **DA CHITA AO CETIM: O PROCESSO DE ESTILIZAÇÃO DA QUADRILHA JUNINA MARIA CHIQUINHA NA CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB (2004-2017)**, coordenado pela aluna Vitória Maria Pereira Silva, vinculada à Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, campus Cajazeiras – Paraíba.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral investigar quando e por que houve a estilização da quadrilha junina Maria Chiquinha, observando as questões representativas sobre esse patrimônio cultural, tendo como perspectiva de análise, além da dança, vestimentas, músicas e passos dessa cultura.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: sessões de gravação das entrevistas sobre a sua experiência e conhecimento da temática objeto desse estudo, que poderão ser realizadas no ambiente de sua escolha, visando conforto e melhores condições para o diálogo.

As entrevistas serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados de forma presencial. Caso não seja possível, a modalidade remota em plataformas como Google Meet, também será opção.

Em ambos os cenários as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados neste documento escrito. Além disso, suas falas serão transcritas em documento físico para composição da pesquisa, do qual será disponibilizado uma cópia para que o entrevistado tenha acesso ao conteúdo que será analisado e utilizado nesse estudo, tendo ainda total liberdade para desautorizar seu uso e se retirar da pesquisa.

Os riscos envolvidos com sua participação são: essa pesquisa apresenta riscos mínimos como desconforto, desconforto ou constrangimento do entrevistado com relação a alguma pergunta ou abordagem feita pelo entrevistador referente a uma determinada temática. Caso ocorra, a gravação será interrompida e a pergunta poderá ser reestruturada ou suspensa, dando ao



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

participante liberdade para requerer a suspensão da entrevista e/ou encerrar sua participação no estudo.

Os benefícios da pesquisa serão: principalmente, a importância das suas visões, opiniões e conhecimento que compõem as suas vivências, contribuindo para uma melhor compreensão da estilização cultural da Junina Maria Chiquinha. Sua participação é extremamente relevante para refletir e construir uma discussão a respeito de entender como e por que aconteceu, bem como os significados dessas ações para a história local.

A presente pesquisa ocupa um espaço de reflexão acadêmica sobre a cultura das quadrilhas juninas no sertão, visando observar esse patrimônio e suas representações, pois tem como principal objetivo investigar quando e por que houve a estilização da quadrilha junina Maria Chiquinha, observando as questões representativas sobre esse patrimônio cultural. Com isso, também contribui para entender aspectos em torno da história local.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome somente será identificado na pesquisa, caso aceite. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não agrida a integridade do voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Durante o período da pesquisa, o voluntário será acompanhado e contribuirá com a pesquisadora no sentido da construção dos dados a serem coletados, o acompanhamento será feito no local desejado pelo entrevistado. Destaca-se novamente que a participação do indivíduo na pesquisa é opcional e estará assegurado seu direito de desistir e se retirar do estudo a qualquer momento, se assim desejar.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Vitória Maria Pereira Silva**.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Vitória Maria Pereira Silva

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal: Sítio Pitombeira, zona rural de Cachoeira dos Índios-PB.

Endereço Profissional:

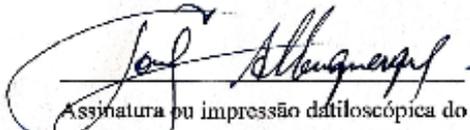
Horário disponível: Segunda à Sexta, das 8h00 às 17h00

Telefone: (83) 99604-2729

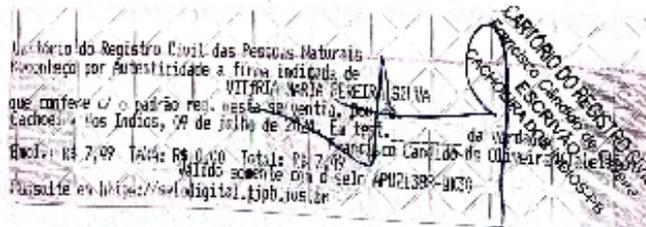
Email: vitoria.pereira@estudante.ufcg.edu.br

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras - PB 18 de fevereiro de 2024


Assinatura ou impressão dactiloscópica do
voluntário ou responsável legal

Vitória Maria Pereira Silva
Nome e assinatura do responsável pelo
estudo





Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **DA CHITA AO CETIM: O PROCESSO DE ESTILIZAÇÃO DA QUADRILHA JUNINA MARIA CHIQUINHA NA CIDADE DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS-PB (2004-2017)**, coordenado pela aluna Vitória Maria Pereira Silva, vinculada à Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, campus Cajazeiras – Paraíba.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo geral investigar quando e por que houve a estilização da quadrilha junina Maria Chiquinha, observando as questões representativas sobre esse patrimônio cultural, tendo como perspectiva de análise, além da dança, vestimentas, músicas e passos dessa cultura.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: sessões de gravação das entrevistas sobre a sua experiência e conhecimento da temática objeto desse estudo, que poderão ser realizadas no ambiente de sua escolha, visando conforto e melhores condições para o diálogo.

As entrevistas serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados de forma presencial. Caso não seja possível, a modalidade remota em plataformas como Google Meet, também será opção.

Em ambos os cenários as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados neste documento escrito. Além disso, suas falas serão transcritas em documento físico para composição da pesquisa, do qual será disponibilizado uma cópia para que o entrevistado tenha acesso ao conteúdo que será analisado e utilizado nesse estudo, tendo ainda total liberdade para desautorizar seu uso e se retirar da pesquisa.

Os riscos envolvidos com sua participação são: essa pesquisa apresenta riscos mínimos como desconforto, desconforto ou constrangimento do entrevistado com relação a alguma pergunta ou abordagem feita pelo entrevistador referente a uma determinada temática. Caso ocorra, a gravação será interrompida e a pergunta poderá ser reestruturada ou suspensa, dando ao



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

participante liberdade para requerer a suspensão da entrevista e/ou encerrar sua participação no estudo.

Os benefícios da pesquisa serão: principalmente, a importância das suas visões, opiniões e conhecimento que compõem as suas vivências, contribuindo para uma melhor compreensão da estilização cultural da Junina Maria Chiquinha. Sua participação é extremamente relevante para refletir e construir uma discussão a respeito de entender como e por que aconteceu, bem como os significados dessas ações para a história local.

A presente pesquisa ocupa um espaço de reflexão acadêmica sobre a cultura das quadrilhas juninas no sertão, visando observar esse patrimônio e suas representações, pois tem como principal objetivo investigar quando e por que houve a estilização da quadrilha junina Maria Chiquinha, observando as questões representativas sobre esse patrimônio cultural. Com isso, também contribui para entender aspectos em torno da história local.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome somente será identificado na pesquisa, caso aceite. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não agrida a integridade do voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Durante o período da pesquisa, o voluntário será acompanhado e contribuirá com a pesquisadora no sentido da construção dos dados a serem coletados, o acompanhamento será feito no local desejado pelo entrevistado. Destaca-se novamente que a participação do indivíduo na pesquisa é opcional e estará assegurado seu direito de desistir e se retirar do estudo a qualquer momento, se assim desejar.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Vitória Maria Pereira Silva**.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Vitória Maria Pereira Silva

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal: Sítio Pitombeira, zona rural de Cachoeira dos Índios-PB.

Endereço Profissional:

Horário disponível: Segunda à Sexta, das 8h00 às 17h00

Telefone: (83) 99604-2729

Email: vitoria.pereira@estudante.ufcg.edu.br

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras - PB 09 de Julho de 2024

Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

